



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

A Educação Inclusiva na Educação Pré-Escolar: indicadores e estratégias

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Especial-Especialização em
Problemas de Domínio Cognitivo e Motor

Luísa Cristina Neves da Costa Matos

Coimbra, 2024



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Luísa Cristina Neves da Costa Matos

A Educação Inclusiva na Educação Pré-Escolar: Indicadores e Estratégias

Tese apresentada ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar: Especialização em Problemas do Domínio Cognitivo e Motor

Constituição do júri:

Presidente de Júri: Professora Doutora Paula Maria Mendes da Costa Neves

Arguente: Professora Doutora Sónia Teresa Simões da Costa

Orientadora: Professora Doutora Maria Madalena Belo da Silveira Baptista

Junho, 2024

ÍNDICE

Introdução.....	2
Capítulo I- Enquadramento Teórico	
1- Inclusão	4
2- Educação Inclusiva em Portugal.....	8
3- Indicadores de Escola Inclusiva.....	11
4- Benefícios da Inclusão.....	14
5- Elementos para o Sucesso da Inclusão.....	16
6- Educação Inclusiva na Educação Pré-Escolar.....	19
Capítulo II- Componente Empírica	
1- Relevância do estudo.....	23
2- Questão e objetivos do estudo.....	24
3- Procedimentos Metodológicos.....	25
4- Apresentação dos resultados.....	28
5- Análise dos resultados da autorreflexão.....	42
6- Análise dos resultados com vista a um Plano de Ação.....	47
7- Sugestões de estratégias a desenvolver.....	50
Considerações Finais.....	53
Referências Bibliográficas.....	56
Apêndice.....	60
Questionário: Educação Pré-Escolar Inclusiva.....	61
Resultados do questionário e estratégias.....	66

Lista de Abreviaturas

NE- Necessidades Específicas

E.I.- Educação Inclusiva

J.I.- Jardim de Infância

OCEPE- Orientações Curriculares Educação Pré-Escolar

SNIP- Sistema Nacional Intervenção Precoce na Infância

Agradecimentos

Ao longo deste caminho, gostaria de agradecer a todos os que fizeram parte dele.

Tendo consciência que sozinha nada disto teria sido possível, agradeço em especial à minha família, pelo seu apoio incondicional e paciência.

Agradeço à Professora Doutora Madalena Baptista pela forma como me orientou e pela sua disponibilidade.

Agradeço às minhas amigas Edna e Daniela que sempre me motivaram com as suas palavras.

Agradeço ao Agrupamento de Escolas, ao Excelentíssimo Senhor Diretor e às Educadoras de Infância que contribuíram para que fosse possível o meu estudo.

A todos gratidão!

A Educação Inclusiva na Educação Pré-Escolar: indicadores e estratégias.

Resumo: A educação inclusiva tem como objetivo uma educação para todos, uma educação que se baseia no respeito pela diferença.

É no Jardim de Infância onde se inicia o percurso das crianças, no qual são aprendidas as bases da socialização, da formação de competências pessoais e sociais, que vão sendo limadas ao longo da vida.

Este relatório tem como tema “A Educação Inclusiva na Educação Pré-Escolar: indicadores e estratégias”. Tem como finalidade o saber se o Jardim de Infância é verdadeiramente inclusivo, identificando, analisando e posteriormente promovendo as principais características da escola inclusiva.

O estudo é baseado num questionário adaptado de um que consta no Manual de Apoio à Educação Inclusiva (2018) e elaborado aos profissionais de educação de infância de um Agrupamento de Escolas.

Através deste questionário os educadores de infância fazem uma autorreflexão sobre as várias dimensões do ambiente educativo (ambiente físico, materiais, comunicação, ambiente de ensino e aprendizagem inclusiva e ambiente favorável à família).

Após a análise e interpretação dos dados recolhidos, podemos verificar se existem indicadores de uma verdadeira inclusão. A percentagem indica que alguns dos indicadores de inclusão encontram-se no grau Bom. Mas existem alguns que devem ser mais trabalhados, como é o caso na Dimensão 1, relativamente ao que se refere ao espaço e às lideranças; na Dimensão 3 ao nível das transições entre atividades e também ao acesso e apoio adicional; na Dimensão 5, relativamente aos brinquedos e materiais; na Dimensão 6 em relação à partilha de ideias das crianças com os seus pares e também ao nível dos meios facilitadores de comunicação; na Dimensão 7 se a expectativa é igual para todos e na área da formação contínua; na Dimensão 8 os indicadores a serem desenvolvidos são os que estão relacionados com os pais, se são convidados a participar nas atividades e se estão bem informados sobre as várias atividades. Por último, são apresentadas algumas estratégias que a pré-escola pode desenvolver para melhorar o processo de inclusão.

Palavras Chave: Educação Inclusiva, Educação Pré-Escolar, Inclusão, Necessidades Específicas, Indicadores, Jardim de Infância

Inclusive Education in Preschool Education: indicators and strategies

Abstract: Inclusive Education has a aim to provide education for all, an education that is based on respect for the difference.

It's in the kindergartner where the children's journey begins, there they learn about socialization, personal and social skills training, which will be filed throughout life.

This report has the theme "Inclusive Education in Pre- School: indicators and strategies". Its purpose is to find if the kindergartner is really inclusive, identifying, analysing and after that promoting the main characteristics of the inclusive school.

The study is based on a questionnaire adapted from one that it was in the Manual de Apoio à Educação Inclusiva" (2018) and it was made to the early childhood professional educators of one school.

Through this questionnaire, the early childhood educators made one self- reflection of the diferents dimensions of the educative environment (physical, materials, communication, teaching and learning and a good family environment).

After the analysis and interpretation of the data collected, we can see if indicators of a really inclusion exist. The percentage shows that some inclusion indicators are in the Good level. But it exists some that must be development, such as in Dimension 1, the space and the leaderships; in Dimension 3, the level of the transitions between the activities and also about the adicional support; in the Dimension 5, all about the toys and materials; in Dimension 6 in relation to children's sharing of ideas with their peers and also to the level of the communications means; in Diemension 7 if the expectation is the same for all and in the area of the Continuous Training; in the Dimension 8, the indicators which will be development are those which are relationed with the parents, if they are invited to participate in the activities and if they are well informed about the diferente activities. Lastly, it was presented some strategies that kindergartner can be development to grow the inclusion process.

Keywords: Inclusive Education, Preschool Education, Inclusion, Specific Needs, Indicators, Kindergartner

INTRODUÇÃO

Introdução

O presente estudo desenvolveu-se em torno da temática inclusão, “A Educação Inclusiva na Educação Pré-Escolar: indicadores e estratégias”.

O tema inclusão e Educação Especial tem estado cada vez mais presente nos estudos relacionados com a educação que envolve crianças com Necessidades Específicas no sistema educativo, nomeadamente na educação pré-escolar.

A inclusão é um processo que pretende que todas as crianças, independentemente das suas diferenças tenham uma resposta educativa que lhes permita o desenvolvimento das suas capacidades.

O início do percurso escolar educativo das crianças é no Jardim de Infância, onde são desenvolvidas todas as bases de socialização, de identidade, de formação de competências pessoais e sociais. O Jardim de Infância permite que a criança entre em contacto pela primeira vez com a diferença e a aceite. É no Jardim de Infância que muitas vezes são identificadas algumas características que diferenciam as crianças umas das outras, demonstrando a necessidade específica.

O tema inclusão foi escolhido por mim, pois sempre foi do meu interesse, o querer perceber se as crianças com NE são verdadeiramente incluídas, qual o trabalho que os Jardim de Infância desenvolvem para incluir estas crianças e qual o papel dos profissionais na inclusão.

O presente trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo é de enquadramento teórico, no qual farei uma breve abordagem sobre o conceito de inclusão, os seus indicadores, os benefícios, os elementos para o seu sucesso, a educação inclusiva em Portugal e a educação inclusiva na educação pré-escolar. Apresentando perspectivas de alguns autores de referência.

No capítulo dois é feito o enquadramento metodológico do estudo.

No capítulo três é apresentada uma descrição e análise dos resultados obtidos através da aplicação de um instrumento de autorreflexão nos Jardins de Infância de um agrupamento. É ainda feita uma abordagem às futuras estratégias que os educadores de infância poderão implementar para fortalecer o processo de inclusão.

Na última parte são expostas as conclusões, na qual se faz uma reflexão global, terminando com a bibliografia e os anexos.

I – CAPÍTULO - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Inclusão

Abordar a temática da inclusão é falar de uma nova conceção de escola, onde a igualdade de oportunidades e participação, a diferenciação, a qualidade educativa, a diversidade cultural, a cooperação e a interajuda estão subjacentes em todas as práticas educativas.

Hoje as escolas são cada vez mais diversificadas e multiculturais em termos de etnia, idioma e níveis. Segundo Florian (2019), à medida que as pessoas de diferentes identidades nacionais e grupos étnicos continuam a migrar pelo mundo, a diversidade torna-se cada vez mais comum, por isso, é necessário afastar a lógica da exclusão e aceitar a diferença, como um aspeto comum do desenvolvimento humano.

A inclusão é um processo que visa que todas as crianças tenham uma resposta educativa diferenciada, proporcionando-lhes o máximo desenvolvimento das suas capacidades.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (Organização das Nações Unidas, 1948) foi um marco histórico em termos de inclusão de pessoas com deficiência e das pessoas excluídas pela sociedade.

Segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948, Art.º.26) “todos têm o direito à educação... A educação deve ser gratuita, pelo menos ao nível elementar e básico. A educação elementar deve ser obrigatória. A educação deve ser direcionada para o completo desenvolvimento da personalidade humana e o fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e liberdades fundamentais. Promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações, raças e grupos religiosos e assegurará as atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.”

Cerca de 50 anos depois, a Declaração de Salamanca, na sequência da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais de 1994, surge como um documento muito significativo e direcionado para a inclusão, “O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma boa cooperação com as respetivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola.” (Declaração de Salamanca, 1994, pp.11-12)

Como refere Bénard da Costa (1999), esta conferência é um movimento fundamental “na evolução dos princípios e das práticas em relação à educação de crianças com NEE.”

A inclusão é um movimento educacional, social e político, que reconhece o direito de todos os indivíduos participarem de forma ativa na sociedade na qual estão inseridos. A nível educativo, a inclusão defende o direito de todos os alunos desenvolverem as suas potencialidades, assim como de adquirirem competências que lhes permitam exercer o seu direito de cidadania, através de uma educação de qualidade, tendo em conta as suas necessidades, interesses e características, já não se centra só nas necessidades das crianças com deficiência, mas sim nas necessidades de todas as crianças. A escola terá que proporcionar um ensino de maior qualidade com o objetivo de incluir as crianças independentemente dos problemas que estas apresentem, ou seja, é pertinente que esta responda com sucesso a todas as crianças.

Segundo Booth & Ainscow (2011), a “inclusão é uma abordagem baseada no desenvolvimento da educação e da sociedade. Não se trata de um aspeto de educação relacionado a nenhum grupo particular de crianças.”

De acordo com Rodrigues (2006), a inclusão assegura a todos os cidadãos o acesso e participação à educação, assim como assegura independentemente da sua condição, direito a relacionar-se e a interagir com os outros.

Orvalho (2019, pp.67-69) menciona que a igualdade só cresce do respeito pela diferença, e para isso, deve-se olhar para cada aluno, como um ser único, “capaz de tocar a vida do outro e transformar o mundo.” Ou seja, temos de respeitar e ter em atenção as características individuais de cada criança, a sua potencialidade e as barreiras que têm de ultrapassar, para que conceitos como respeito, empatia, solidariedade e equidade façam parte da nossa sociedade.

Nos últimos tempos, existiram muitas mudanças, obrigando a repensar no papel da escola. Esta surge como o meio mais eficaz para combater a discriminação, criando uma sociedade mais solidária e aberta. A escola é um espaço de construção do conhecimento, que deve ser mais dinâmica e flexível, para assim formar cidadãos mais solidários, criativos e participativos.

Correia (2006, pp. 244-246) refere que a escola deve garantir que “todos os alunos tenham o maior número possível de oportunidades de maximizar o seu potencial, sejam quais forem as suas características e necessidades (...) trata-se de facilitar as aprendizagens que um dia conduzirão para uma inserção social harmoniosa, produtiva e independente.”

Anos depois Correia (2013) acrescenta que uma escola inclusiva deve atribuir funções e partilhar responsabilidades com todos os que participam; deve promover um ambiente de

cooperação, respeito mútuo e de confiança, isto é, todos devem trabalhar com o objetivo de desenvolver a aprendizagem de todos os alunos; deve promover a flexibilidade curricular, criar oportunidades de formação contínua, proporcionar aos alunos todos os recursos necessários para o seu desenvolvimento e selecionar medidas educativas adequadas a cada aluno.

Para Costa (2019.p.4) falar de uma escola inclusiva é “falar de uma escola que abre as portas de entrada e que garanta, que à saída, todos alcançaram aquilo a que têm direito: um perfil de base humanista, ancorado no desenvolvimento de valores e de competências que os torna aptos ao exercício de uma cidadania ativa exercida em liberdade e proporcionadora de bem-estar.”

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016, p.10), a inclusão de todas as crianças implica práticas pedagógicas diferenciadas, que “respondam às características individuais de cada uma e atendam às suas diferenças, apoiando as suas aprendizagens e progressos.”

Para o desenvolvimento de uma educação inclusiva são necessárias mudanças nas áreas de organização e funcionalidade nos diferentes níveis do sistema educativo, mudanças nos agentes educativos, na gestão da sala de aula e na gestão do currículo. A escola inclusiva deve ter em consideração um conjunto de pressupostos, como o sentido de comunidade, a capacidade de liderança pelos órgãos executivos da escola, a colaboração e cooperação entre os diferentes intervenientes no processo da inclusão, os serviços de apoio especializados e flexibilidade curricular, a formação específica dos profissionais da educação; os apoios educativos e os serviços de educação especial.

Por isso, surge em 2017, o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, onde o caráter inclusivo e multifacetado da escola, define que a “escolaridade obrigatória é de todos e para todos, sendo promotora de equidade e democracia.”

O Decreto-Lei nº54/2018 de 6 de julho menciona que a escola inclusiva é uma escola de todos e para todos, na qual se deve aceitar a diversidade, que deve responder às necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, “onde todos e cada um dos alunos, independentemente da sua situação pessoal e social, encontram respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social.”

Este decreto especifica os princípios orientadores da educação inclusiva, como a educabilidade universal, ou seja, todos têm capacidade de aprender; a equidade, todas as crianças têm acesso aos apoios necessários de modo a desenvolver a sua aprendizagem; a inclusão, todos têm direito ao acesso e participação aos mesmos contextos educativos; a personalização das medidas ajustadas às necessidades, potencialidades e interesses; a

flexibilidade, gestão flexível do currículo; autodeterminação, o respeito pela autonomia pessoal; o envolvimento familiar, o direito à participação e à informação dos pais e encarregados de educação; a intervenção técnica e educativa deve ser desenvolvida exclusivamente pelas entidades e instituições e quando necessária, assim como o respeito pela vida familiar.

O Decreto Lei nº. 54 reequaciona o papel da escola, o modo como esta vê o aluno e como se organiza para assim conseguir responder a todos os alunos.

Em suma, a inclusão na educação é cada vez mais discutida na sociedade de hoje, pois trata-se de garantir que todos os alunos, independentemente das suas características individuais, tenham acesso a uma educação de qualidade, na qual se sintam incluídos no ambiente escolar. Este conceito tem subjacente o desenvolvimento do respeito pela diversidade, a adaptação de práticas pedagógicas e a eliminação de obstáculos que possam impedir o desenvolvimento de cada aluno.

A inclusão é um processo em constante mudança, que tem alguns desafios, como: a formação contínua de professores; a estrutura adequada das escolas, muitas vezes estas não possuem recursos necessários para o desenvolvimento dos seus alunos; a adaptação das práticas pedagógicas para conseguir responder a todas as expectativas dos alunos.

A inclusão envolve e desenvolve o respeito à diversidade, valorizando as diferenças individuais. É benéfica tanto para os alunos como para a sociedade, pois ao garantir o acesso de todos à educação, permite construir uma sociedade mais justa e democrática.

A inclusão na educação é um desafio, no qual todos os agentes educativos devem participar, para assim construirmos uma sociedade justa, onde exista respeito e igualdade entre todos.

Nos dois próximos pontos, após uma breve abordagem sobre a educação inclusiva em Portugal, iremos apresentar alguns dos seus indicadores.

2 - Educação Inclusiva em Portugal

O sistema educativo português teve um crescimento nos últimos 40 anos, como os avanços da rede da educação pré-escolar, a expansão gradual da escolarização dos três ciclos, o alargamento da escolaridade obrigatória (agora até aos 18 anos), até mesmo a diversidade da oferta educativa. Contudo, ainda existem alguns desafios que precisam de ser ultrapassados.

Em Portugal os primeiros passos para a Educação Inclusiva foram dados em meados do ano de 1940, com a criação das “Classes especiais”, que englobava os alunos com os diferentes tipos de deficiência, assim como as suas dificuldades escolares.

O ensino especial foi progredindo, mas sem estar ligado ao ensino regular. Na década de 70, surgiram algumas tentativas de desenvolvimento da integração, o que já acontecia nos países mais desenvolvidos, os quais defendiam a igualdade. O Decreto – Lei nº67/71, de 8 de novembro, “Lei de Bases de Reabilitação e Integração de Deficientes”, tinha como objetivo a integração social das pessoas com deficiência, desenvolvendo as suas potencialidades. Em 1973, com a Reforma de Veiga Simão, são formadas as Divisões de Ensino Especial dos Ensino Básico e Secundário. Em 1976 são constituídas as Equipas de Ensino Especial com o objetivo de desenvolver a integração familiar, escolar e social das crianças com deficiência, estabelecendo uma ligação entre a educação especial e a escola regular.

A partir dos meados dos anos 80, constataram-se algumas modificações no conceito de educação integrada, passando-se a defender o direito à escola regular para todas as crianças.

Segundo Correia (2017), o ano de 1982 foi importante para o ensino, pois existiu um aumento significativo de crianças matriculadas, como também uma alteração significativa sobre as crianças com deficiência serem aceites e de terem os mesmos direitos que todas as outras.

Foi aprovada em 1986 a “Lei de Bases do Sistema Educativo”, o Decreto-Lei nº 46/86, de 14 de outubro, que permitiu transformações significativas ao criar Equipas de Educação Especial.

Nos anos 90 surge uma definição mais clara da política educativa. Com o Decreto-Lei nº 319/91, de 23 de agosto, a Educação Especial ganhou um novo conceito, passou a ser um serviço de suporte legal e pedagógico aos alunos. Renunciou o uso do termo “Deficiência” e começou a utilizar o novo conceito “Necessidades Educativas Especiais”. A escola passou a ser gratuita, igualitária e também de qualidade. Deu ênfase à integração dos alunos com NE, e colocou em prática os Planos Educacionais Individualizados (PEI), desenvolveu a flexibilidade curricular das avaliações, para além disso, reforçou a colaboração da família.

Após a Declaração de Salamanca (1994) e das Normas sobre Igualdades de Oportunidades para pessoas com Deficiência das Nações Unidas (1995), Portugal desenvolveu uma ação com o objetivo de inserir os alunos com NE nas classes regulares, permitiu-lhes o acesso aos serviços e

apoios especializados às suas necessidades e características. Como refere Correia (2001, cit. Por Fernandes, 2013, p.128) “a escola começa a repensar o seu papel, verificando que seria um direito inerente a qualquer aluno a sua inserção em ambientes de aprendizagem regulares, e de integração física e social pretende-se passar à integração cognitiva, à possibilidade de o aluno ter acesso ao currículo comum.”

Neste longo caminho com o objetivo de ter uma escola inclusiva, a 7 de janeiro surge o Decreto-Lei nº3/2008, no qual foram criadas as Diretrizes Pedagógicas com base no conceito de “escola para Todos”. Contudo, com este Decreto-Lei a categorização com base em indicadores do campo de saúde enunciados na Classificação internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde, da Organização Mundial de Saúde começou outra vez a entrar em vigor.

Trindade e Colôa (2008, p.2, cit. por Fernandes, 2013) afirmam que este Decreto indica alguma indefinição relativamente aos conceitos de educação especial e educação inclusiva, “o primeiro centra-se na problemática do aluno, o segundo centra-se na problemática do currículo havendo um retorno ao “olhar” o aluno como o centro do problema em vez de se colocar o enfoque no âmbito das atividades, dos contextos, do currículo e dinâmica de sala de aula.”

Rodrigues (2008) salienta que “muitos alunos com deficiência não têm NEE e muitos alunos com NEE não têm deficiência”. Esta mesma ideia é compartilhada por Correia (2016, p.1) ao salientar que o “Decreto-Lei nº3/2008 parece excluir a maioria dos alunos com NEE permanentes”.

Em 2016, a educação passa a preocupar-se com o aluno como indivíduo. Surge o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, isto é, uma base comum para todas as escolas, nomeadamente ao nível curricular, no planeamento, na realização e na avaliação interna e externa do ensino e da aprendizagem; as Aprendizagens Essenciais, que têm como objetivo o desenvolvimento das áreas de competência inscritas no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória; a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, que tem em consideração os direitos e deveres a estar presentes na formação cidadã dos alunos, para a valorização de conceitos e valores de cidadania democrática.

A 6 de Julho, o Sistema educativo Português aprovou o Decreto-Lei nº54/2018, com o nome de “Regime Jurídico da Educação Inclusiva”. É uma proposta inovadora, que anexa normas e princípios que garantam a educação inclusiva, ou seja, tem uma visão mais ampla, pois não responde só às necessidades dos alunos com NE, mas a todos; acaba com o modelo de legislação especial para alunos especiais. Segundo Pereira et al. (2018), através deste Decreto-Lei, a escola desenvolve uma sociedade inclusiva e democrática.

O Decreto- Lei nº54/2018, de 6 de Julho, tem como princípios a educação universal, a equidade, a inclusão, a personalização (o plano educativo é centrado no aluno e as medidas

tomadas são de acordo com as suas necessidades e interesses, por meio de uma Abordagem Multinível, pirâmide de serviços que se organiza em níveis, os quais se referem ao tipo e frequência das intervenções, nomeadamente, Universais, Seletivas e Adicionais), a flexibilidade, a autodeterminação (respeito pela autonomia pessoal, tendo em conta as necessidades do aluno), o envolvimento da família (direito dos pais ou encarregados de educação participarem e de serem informados sobre todos os assuntos relacionados com o processo educativo do seu educando) e a interferência mínima (intervenção técnica e educativa desenvolvida somente pelas entidades e instituições e cujo objetivo é o desenvolvimento pessoal e educativo dos alunos).

O Decreto-Lei nº 54/2018 de 6 de julho é um marco importante para o desenvolvimento e incrementação da escola inclusiva. Através deste Decreto, a educação inclusiva portuguesa tem a preocupação de desenvolver o aluno numa perspetiva sistémica, na qual relaciona os contextos naturais com os educacionais e as dimensões individuais.

Este Decreto recomenda a necessidade de a escola dar resposta à diversidade dos seus alunos, encontrando variadas maneiras de lidar com as suas diferenças, adequando o ensino às características individuais, utilizando os meios que possui para que todos participem na comunidade educativa. Assim, o objetivo é que o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória seja alcançado por todos, ainda que por meio de diferentes percursos, mas os quais permitam o seu sucesso educativo.

No ano de 2022, foi publicado o Relatório de Educação Inclusiva em revista: perspetiva geral sobre Portugal (OECD, 2022), no qual se menciona que nas últimas três décadas, o sistema educativo manifestou melhorias significativas. Verificou-se um aumento da percentagem de alunos que concluíram pelo menos o secundário; a taxa de abandono escolar no ensino secundário diminuiu e houve melhorias significativas na leitura, matemática e ciência. O mesmo documento, refere que apesar das melhorias, o sistema educativo ainda tem alguns desafios, como por exemplo, ao nível das retenções dos alunos e a origem socioeconómica e a origem imigrante como obstáculo no desempenho dos alunos.

Pode-se dizer que apesar dos esforços e das medidas implementadas pelo governo, a inclusão nas escolas portuguesas ainda tem alguns desafios. Como refere o Relatório intitulado Educação Inclusiva em revista, da (OECD, 2022), o sistema educativo continua principalmente direcionado para a inclusão de alunos com necessidades específicas; deve melhorar a gestão de programas, estruturas e recursos humanos, assim como promover a formação inicial de professores, que muitas vezes ainda não se encontram preparados para enfrentar a diversidade.

3- Indicadores de escola inclusiva

Mantoan (2004), a inclusão é entendida como uma oportunidade para progredir a qualidade educativa, beneficiando todos os alunos. Implica mudanças organizacionais e funcionais nos diferentes níveis de ensino, na articulação dos diversos agentes educativos, na gestão da sala de aula e dos currículos, assim como do próprio método de ensino e aprendizagem.

O objetivo da inclusão é que todos os alunos tenham oportunidades de aprendizagem adequadas às suas características, através da flexibilização das práticas, operacionalizadas e supervisionadas em contexto escolar.

Glat (2007) afirma que a educação inclusiva tem que ter presente uma escola inovadora, a que todos tenham acesso e direito, onde a seleção e discriminação sejam substituídos pela identificação e eliminação de obstáculos que surjam nas aprendizagens. A escola deve transformar o seu currículo, para assim dar um ensino diferenciado, que tenha como meta o desenvolvimento e a inclusão social de todos.

Para Booth e Ainscow (2002, p.8), a inclusão tem vários indicadores, como a valorização por igual de todos os participantes do processo educativo, o aumento da participação e a diminuição da exclusão, a reestruturação política, cultural e práticas nas escolas, para que estas consigam dar resposta à heterogeneidade dos alunos. Redução das barreiras à aprendizagem e a participação de todos os alunos, e não só para os alunos com NE. A utilização de estratégias aplicadas para superar os obstáculos ao acesso e à participação que alguns alunos sentem. As diferenças entre os alunos devem ser entendidas como um recurso de apoio à aprendizagem e não um problema a resolver. O incentivo da relação entre escola e a comunidade.

Para estes autores, uma escola só é considerada inclusiva quando cumpre três dimensões, ou seja, quando desenvolve culturas inclusivas (desenvolve o sentido de comunidade e estabelece valores inclusivos), quando coloca em prática políticas inclusivas (desenvolve a escola para todos, organiza o apoio à diversidade) e promove as práticas inclusivas (organiza a aprendizagem e mobiliza os recursos).

Segundo o Manual de Apoio à Prática para uma Educação Inclusiva (2018, p.11), a educação inclusiva exige considerar três dimensões que a mesma integra: " ... a dimensão ética, referente aos princípios e valores que se encontram na sua génese; a dimensão relativa à implementação de medidas de política educativa que promovam e enquadrem a ação das escolas e das suas comunidades educativas, e a dimensão respeitante às práticas educativas, não podendo nenhuma delas ser negligenciada."

Em conformidade com a Agência Processo de Avaliação em Ambiente Inclusivos foram assinalados sete indicadores, sendo quatro de extrema importância. O primeiro indicador remete ao aluno, ou seja, todos os alunos estão envolvidos e têm oportunidade de participar na sua própria avaliação e desenvolvimento. Isto é, existem instrumentos e estratégias na sala de aula que envolvem os alunos na autoavaliação, determinando os seus próprios objetivos. Todos os intervenientes concordam que a avaliação é elaborada através da definição de objetivos específicos que conduzam a melhorias de aprendizagem; os professores definem estratégias para conseguirem dar feedback sobre a aprendizagem, de forma motivadora e adequada aos alunos. Ainda neste indicador é mencionado a utilização de mecanismos que concedem aos alunos cooperarem na planificação e avaliação. O segundo indicador está relacionado com os pais, ou seja, os pais estão envolvidos e têm oportunidade de participar na avaliação que envolva o seu educando. Os pais estão envolvidos no desenvolvimento, implementação e avaliação dos objetivos de aprendizagem do seu filho. O papel da família é extremamente importante e é um indicador que beneficia a inclusão. O terceiro indicador, relacionado com os professores. Estes utilizam a avaliação como modo de melhorar as aprendizagens, estabelecendo os objetivos para o aluno e dando feedback sobre a aprendizagem ao aluno e a si mesmos. A avaliação contínua dos alunos é da responsabilidade do professor, a avaliação serve não só para ver o ponto de situação das aprendizagens do aluno, como para determinar o que poderão fazer para as desenvolverem. Os professores recebem formação e apoios adequados, com o objetivo de melhorar as suas estratégias para obterem melhores resultados. Têm uma visão sobre o contexto familiar do aluno e do ambiente escolar. O quarto indicador, a escola. Os órgãos de gestão da escola são responsáveis por acompanhar a aprendizagem de todos os alunos. A escola tem autonomia para se organizar da melhor maneira para desenvolver a inclusão. Existe uma planificação da escola, para que todos os alunos aprendam, tendo em conta a necessidade específica de cada aluno. Os órgãos de gestão da escola propiciam a flexibilidade, organizam e apoiam a cooperação e o trabalho em equipa entre professores, e entre a família e a escola. E ainda trabalham para desenvolver relações de cooperação entre escolas e outras entidades.

Portanto, o desempenho para a inclusão tem como princípio que toda a escola deve ter um processo contínuo de mudança cultural e organizacional, fundamentado num modelo de intervenção multinível que identifica e assume as modificações na gestão do currículo, na avaliação formativa, nas práticas educativas suportadas no desenho universal para a aprendizagem, no envolvimento da família em todo o processo e no desenvolvimento das escolas.

Em conclusão, a escola inclusiva tem como base a recusa à exclusão, a educação de todos os alunos e eliminação dos obstáculos à aprendizagem.

A escola está em mudança e todos nós somos importantes nessa mudança. Como salienta Kronberg (2003, p.56), “Quando todo o corpo de uma escola acredita que a inclusão é desejável para todos os alunos, o primeiro passo já está dado no sentido de criar uma comunidade escolar na qual todos os elementos são aceites e valorizados”.

Os indicadores de inclusão são instrumentos que permitem avaliar se as escolas têm um ambiente inclusivo e acessível a todos. Estes indicadores são fundamentais para garantir que a escola proporciona uma educação de qualidade a todos os seus alunos. Para isso, é necessário que o aluno faça parte do seu processo de aprendizagem, a participação da família, o trabalho do professor, ou seja, se os métodos de ensino utilizados são adequados às expectativas e necessidades do aluno e a liderança. Pois os diretores das escolas têm um papel crucial no desenvolvimento da inclusão. Cabe à liderança promover as competências necessárias à implementação de práticas inclusivas, designadamente ao nível da resolução de obstáculos, ensino cooperativo, trabalho de equipa, comunicação com os pais e organização e gestão da sala de aula.

4- Benefícios da inclusão

A educação inclusiva nas duas últimas décadas do século passado teve vários progressos, tanto a nível de práticas como a nível legislativo.

Este conceito está constantemente a suscitar interesse por parte de toda a comunidade educativa, analisando os benefícios da inclusão.

A inclusão permite que todos os alunos, com e sem deficiência, percorram o seu trajeto escolar lado a lado, na mesma sala de aula. A educação inclusiva é uma prática mencionada em diversas declarações internacionais, leis nacionais e políticas de educação.

Para Correia (2008) a inclusão desenvolve a sensibilização e promove a consciencialização da sociedade, faz com que as crianças com NE sejam aceites e que pertençam à sociedade na qual estão inseridas. A nível educativo, a inclusão é benéfica a todos os alunos, pois fortalece o diálogo entre os docentes do ensino regular e os da educação especial, o que se irá refletir nas suas práticas pedagógicas. Refere que um dos grandes benefícios da inclusão são ao nível social e comportamental. A inclusão enriquece as crianças com NE, pois o ambiente inclusivo faz com que tenham elevados níveis de socialização, a interação verbal com os colegas aumente, e a sua atividade lúdica também se desenvolva mais.

Ainda afirma que a inclusão não traz só vantagens para os alunos com NE, mas também para todos os outros, pois têm a noção de que não são todos iguais, contactam com a diferença, respeitam-na e acima de tudo a aceitam. Isto é, aprendem que cada um de nós mesmo sendo diferentes temos sempre algo para dar ao outro.

Leitão (2007) realça que os benefícios da inclusão são: o desenvolvimento profissional dos docentes, o aumento da confiança nas próprias capacidades de intervenção e o desenvolvimento de atitudes favoráveis por parte dos docentes do ensino regular com os alunos com dificuldades de aprendizagem. Aumenta a autoestima e a autoconfiança da criança com NE. As outras crianças conhecem e entram em contacto com a diferença, isto é, têm mais consciência das diferenças individuais de cada um e prestam-lhe mais atenção.

Stainback e Stainback (1999) salientam para o fato de que se as crianças com NE pertencerem a um grupo heterogéneo, beneficiam, pois ganham um maior número de modelos, de papéis sociais e de aprendizagem, tornam-se mais bem preparadas para a vida futura e têm maior responsabilidade e desenvolvimento de aprendizagens.

Referem que nem só os alunos beneficiam, mas também os docentes, uma vez que a inclusão lhe dá a oportunidade de refletirem sobre as suas práticas profissionais e consequentemente a sua melhoria.

Chen et al. (2019) destaca que as crianças em idades precoces, com e sem NE, desenvolvem-se mais facilmente, pois aprendem juntas a respeitar as diferenças e a descobrir as semelhanças por meio da socialização, fortalecendo a aceitação pelos pares e dando oportunidade de construir amizades.

Ao incluir alunos com NE, a educação inclusiva proporciona um ambiente mais diversificado e enriquecedor a todos os alunos. Promove a socialização, o desenvolvimento emocional, cognitivo e intelectual de todos os alunos.

A educação inclusiva promove o desenvolvimento da empatia e da tolerância, isto é, incentiva a convivência e a interação entre alunos com diferentes capacidades e necessidades, o que desenvolve a compreensão e a valorização da diferença.

Desenvolve também o nível da aprendizagem, ou seja, a inclusão de alunos com NE em sala de aula promove o ambiente de aprendizagem, permitindo a partilha de experiência e conhecimentos.

Promove a autodeterminação, aumenta a autoestima e a autonomia, incentivando os alunos a definirem as suas próprias metas e estratégias para alcançarem o sucesso.

Prepara para a vida em sociedade, isto é, os alunos desenvolvem as suas capacidades sociais, emocionais e comportamentais necessárias para enfrentar os obstáculos e a participarem ativamente na sociedade.

A educação inclusiva ainda ajuda na valorização da diversidade, contribui para uma sociedade mais justa e igualitária, pois promove a valorização da diferença, o combate à discriminação e ao preconceito.

Portanto, para a educação inclusiva ter sucesso e ser benéfica é necessário que continue a existir um esforço para superar os obstáculos e preconceitos e garantir que todos os alunos tenham uma educação de qualidade.

5- Elementos para o Sucesso da Inclusão

A inclusão tem como um dos objetivos proporcionar a todos os alunos a oportunidade de fazer parte ativa na vida da sociedade.

O sucesso da inclusão é um objetivo ético e pedagógico que vai além dos limites das salas de aula. A diversidade dos alunos, definida pelos seus diferentes ritmos de aprendizagem, expectativas e necessidades, desafia os educadores e professores a refletirem as suas práticas pedagógicas de modo a garantir o sucesso de todos.

É um processo que necessita de uma abordagem pedagógica que dignifique os processos de ensino- aprendizagem, contribuindo para que cada aluno tenha acesso ao conhecimento, respeitando sempre as suas diferenças.

A comunidade escolar é cada vez mais heterogénea, por isso, é importante evidenciar a implementação de práticas inclusivas, o que requer um compromisso contínuo e uma abordagem flexível por parte dos docentes. É necessário existir uma procura por parte destes por formação adicional e a colaboração entre colegas.

O papel do professor é crucial para o desenvolvimento da inclusão, pois ele é o agente da mudança e deve proporcionar um ambiente no qual todos os alunos se sintam valorizados. A sua formação vai influenciar as oportunidades que a escola oferece, pois quanto maior for a capacidade de os professores identificarem as barreiras da aprendizagem mais fácil será as removerem.

O sucesso da inclusão depende essencialmente da formação dos professores, do atendimento às características individuais dos alunos e a oportunidade que a escola oferece a cada um, criando condições necessárias para o seu desenvolvimento pessoal e social.

Como refere Rodrigues (2000, p.10), “A Educação Inclusiva aposta na escola como comunidade educativa, defende um ambiente de aprendizagem diferenciado e de qualidade para todos os alunos. É uma escola que reconhece as diferenças, trabalha com elas para o desenvolvimento e dá-lhe um sentido, uma dignidade e uma funcionalidade.”

A escola deve, por isso, estar preparada para receber os alunos com NE. A formação dos profissionais de educação é importante e deve ser adequada à presente necessidade das escolas se adaptarem à mudança e à heterogeneidade.

Outro elemento é o meio inclusivo, isto é, o educador deve transmitir sentimentos positivos, o que influencia os pares e a aceitação pela diferença é melhor, proporcionando um ambiente favorável à aprendizagem.

O uso de estratégias a serem implementadas nas escolas é outro elemento. Como é o caso das tecnologias de informação e comunicação, diferenciação pedagógica e relações

interpessoais de qualidade. Todas estas estratégias facilitam o desenvolvimento académico, a socialização, a comunicação, a autonomia.

A família também tem um papel fundamental para o sucesso da inclusão, pois o seu envolvimento tem um impacto positivo na educação das crianças, tanto no seu desenvolvimento pessoal como social.

Segundo Coelho (2010) as amizades vividas entre os elementos do grupo são de extremo valor, assim como a relação entre escola/ família, que deve ser sobretudo de partilha.

Martins (2012) argumenta que existem nove elementos fundamentais para a implementação da inclusão. O primeiro é a Visão e o Comprometimento, ou seja, toda a comunidade educativa desenvolve valores e objetivos e traçam as metas para os atingir. A Liderança deve promover aos alunos e a todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem os apoios necessários. As Práticas de Colaboração entre os vários profissionais para o desenvolvimento de estratégias apropriadas aos alunos. O Desenvolvimento Profissional, ou seja, a aquisição e o aperfeiçoamento de competências são fundamentais para todos os profissionais. São os profissionais que podem dar resposta às necessidades educativas dos alunos, a sua formação deve ser contínua, consistente e planificada. Devem ser prestados serviços de apoios de qualidade aos alunos, famílias e profissionais. Apoios para que exista sucesso no processo ensino- aprendizagem e apoios ao nível social, que proporcionem a mudança para outras etapas da vida para que consigam ter uma vida o mais autónoma possível. Desenvolver uma cultura de escola, de sala de aula que recebe, aprecia e se adapta à diversidade, ou seja, que defende os princípios de igualdade, de justiça e de dignidade para os alunos. As Práticas Educativas eficazes, isto é, o desenvolvimento de adaptações curriculares que promovam os resultados positivos nos alunos. As práticas de avaliação frequente e sistemática são cruciais para o sucesso da inclusão, não só a avaliação dos alunos, mas como também a avaliação dos professores. E os Modelos de Intervenção Multinível que surgem para dar resposta às necessidades de todos os alunos. São três níveis de resposta que antecipam as dificuldades académicas, sociais e comportamentais que possam surgir.

Em suma, para o sucesso da inclusão é necessário promover a consciencialização da importância da inclusão; garantir um espaço acessível a todos os alunos; implementar políticas e práticas inclusivas que desenvolvam a diversidade e a igualdade de oportunidades; oferecer formação aos professores, para que estes estejam preparados para aceitar a diferença e ultrapassar os obstáculos, pensando no aluno como um ser único que tem o seu próprio ritmo de aprendizagem; reconhecer a importância das diferentes perspetivas; fomentar um ambiente de trabalho colaborativo; realizar avaliações periódicas; estabelecer parcerias com outras organizações, a fim de partilhar boas práticas e de aprender com as suas experiências; o

envolvimento da liderança e por último, mas não o menos importante, o envolvimento da família.

Portanto, é fundamental para o sucesso da inclusão que todos os envolvidos sejam responsáveis pelo seu progresso, para que todos os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, que respeite e valorize a diferença.

6 - Educação Inclusiva na Educação Pré-Escolar

A educação inclusiva na educação pré-escolar compreende uma nova cultura escolar, em que as turmas são heterogêneas, a nível individual, cultural, linguístico, religioso, político, económico e social. Esta pretende que todos tenham acesso e participem na educação, assim como procura o sucesso de todas as crianças.

A educação pré-escolar obteve maior importância, por consequência das diferentes mudanças sociais, culturais e económicas, especificamente pela necessidade de as famílias precisarem deixar os seus filhos para irem trabalhar. Aqui, todas as crianças, incluindo as crianças com NE, têm direito a uma educação de qualidade, na qual se devem encontrar respostas para os seus interesses, capacidades e necessidades, é na pré-escola que as crianças podem socializar com os seus pares, aprender juntas e conviver com toda a comunidade educativa.

A educação Pré-Escolar é a primeira etapa da educação básica, proporciona atividades que promovem o desenvolvimento da linguagem, pois estimula a comunicação, a expressão de ideias e de sentimentos. Desenvolve também a parte motora, através das atividades físicas e lúdicas. As crianças interagem umas com as outras, aprendendo a compartilhar e a resolver conflitos e prepara-as para as aprendizagens futuras.

Na educação Pré-Escolar, o educador tem como referência as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE, 2016).

Segundo o Ministério da Educação (2016), de acordo com as OCEPE, o conhecimento das crianças deve ser respeitado, bem como as suas características individuais, pois a sua diferença é a base de novas aprendizagens. O respeito pela diferença deve ser um objetivo na educação pré-escolar, a qual deve dar resposta a todas e a cada uma das crianças.

No Jardim de Infância, incluir é dar a mesma oportunidade de ensino e aprendizagem a todas as crianças, valorizando a organização dos espaços e dos materiais, através do educador de infância que desenvolve as estratégias e as atividades relacionadas com a aprendizagem de competências no grupo.

Segundo Formosinho (2013), a educação pré-escolar é importante no desenvolvimento da diversidade e da igualdade para todos, refere ainda que todas as crianças têm o direito a aprender, incluindo as crianças com NE.

A Educação Inclusiva na educação pré-escolar abrange os apoios individualizados e apropriados a todas as crianças.

As experiências na idade da pré-escola desenvolvem sentimentos de pertença e de vinculação, o que permite progredir os relacionamentos sociais e amizades.

A Division for Early Childhood, com a National Association for the Education of Young Children (2009) escreveram as linhas orientadoras para as escolas, as famílias, os profissionais, com o objetivo de indicar as melhores práticas e apoios em Educação Inclusiva na educação pré-escolar. Tais como: criar expectativas elevadas para cada criança, ou seja, para que cada criança atinja o potencial total, criar perspetivas para que as famílias, os profissionais e as instituições alcancem uma inclusão de qualidade. Desenvolver um programa sobre inclusão, isto é, deve adotar-se um único conceito de inclusão para que todos os programas profissionais e instituições trabalhem com os mesmos valores, crenças e atitudes. Estabelecer um sistema de serviços e apoios, isto é, os programas de inclusão infantil devem atender à diversidade das crianças com NE e devem ser estruturadas com materiais e recursos humanos. Repensar no programa de ensino e qualificar os profissionais, melhorar a qualidade em sala de aula, para assim conseguir dar resposta à especificidade de cada criança, com ou sem NE e também capacitar os professores e todos os profissionais para que tenham capacidades e desenvolvam as suas competências para trabalharem num sistema inclusivo. Alcançar um sistema de desenvolvimento profissional integrado, isto é, beneficiar das redes de apoios formais. Influenciar os sistemas governamentais/ políticos, ou seja, os sistemas responsáveis podem melhorar a qualidade de apoio, atender com uma melhor qualidade as crianças com NE, e consequentemente aumentar o número de crianças que possam beneficiar dos serviços.

As atitudes dos educadores de infância são fundamentais para que a educação inclusiva se desenvolva. O educador deve transmitir pensamentos e atitudes positivas, pois estas serão repetidas pelas crianças, logo o ambiente tornar-se-á mais confortável e beneficiado. A educação pré-escolar tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança. As crianças que frequentam a educação pré-escolar têm melhores resultados nos anos de ensino seguintes, provando os efeitos positivos que esta tem sobre as crianças a nível cognitivo, social e na linguagem, principalmente nos grupos socialmente desfavorecidos.

Armstrong (2014) defende o desenvolvimento de perspetivas práticas dos educadores de infância para o ensino de crianças no ambiente escolar inclusivo. A primeira é que cada criança tem uma história de vida e diferentes experiências, tem um conhecimento próprio desenvolvido culturalmente e socialmente, que são possíveis de se transformar, melhorando o que está a ser ensinado; as aprendizagens acontecem de forma bilateral e em colaboração, o educador de infância deve valorizar e considerar os conhecimentos das crianças; o modelo de aprendizagem, que deve ter como objetivo a partilha dos conhecimentos das crianças, tentando sempre resolver os problemas e criar hipóteses através desses mesmos conhecimentos; a pedagogia e o currículo devem andar em sintonia; a individualidade de cada criança e a importância dos aspetos sociais e culturais são fundamentais para a inclusão.

Um dos fatores de qualidade da educação pré-escolar são os programas que proporcionam o envolvimento de todas as crianças na planificação, no desenvolvimento e na avaliação das atividades elaboradas diariamente, pois faz com que reconheçam as suas potencialidades, o seu desenvolvimento e o interesse pela aprendizagem.

Podemos concluir que a inclusão na pré-escola é essencial para promover a igualdade e o desenvolvimento de todas as crianças.

II - CAPÍTULO- COMPONENTE EMPÍRICA

1- Relevância do estudo

A escola é um local essencial e de grande importância para os cidadãos. É na escola que o indivíduo cresce e se prepara a sociedade.

Hoje em dia a escola é frequentada por alunos de uma vasta heterogeneidade cultural e social, o que faz com que esta reconheça a diversidade e o direito à igualdade de oportunidades.

O conceito de inclusão é um novo paradigma social, que surge devido às mudanças sociais e tem como objetivo o respeito pelo “outro”.

A escola inclusiva é uma comunidade onde os alunos aprendem juntos, independentemente das suas características e diferenças individuais, incluindo aqueles que apresentam graves incapacidades. (UNESCO, 1994).

A escola deve ser um espaço de aprendizagem e de crescimento, onde todos se sintam incluídos.

Para Hegarty (2006), “A educação Inclusiva contribui para a Escola para Todos, mas também beneficia dela.” (p.73), sendo que todas as escolas desenvolvem uma educação inclusiva, estão melhor equipadas para atingir o objetivo de uma educação que seja capaz de dar resposta às exigências da sociedade e preparar os alunos para uma sociedade que está sucessivamente em mudança, onde a diversidade é vista como uma riqueza de desenvolvimento pessoal e social, centrada nos alunos com e sem NE e através de atividades diversificadoras e motivadoras.

É no Jardim de Infância que a criança tem os primeiros contactos e aprende a estar com os outros. “A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997).

A reflexão da prática educativa em contexto de Jardim de Infância, assim como a inclusão de crianças com NE tornou-se fulcral.

Este estudo baseia-se na inclusão no pré-escolar, pois sentimos necessidade de compreender e perceber se a inclusão está presente nas escolas, mais propriamente nos Jardins de Infância.

Porquê no Jardim de Infância? Porque como já foi referido é aí que tudo começa, o jardim-de-infância é a primeira etapa da educação básica, as crianças têm o primeiro contacto com o outro e aprendem e desenvolvem capacidades para integrarem a sociedade de hoje.

2- Questão e objetivos do estudo

Segundo Quivy & Campenhoudt (1992) a pergunta de partida constitui normalmente um primeiro meio para colocar em prática umas das dimensões primordiais do processo científico.

Assim e como para nós é importante entender o caminho que as escolas fazem para reconhecer o direito de todos à educação.

A pergunta de partida é: Será que os Jardins de Infância do agrupamento são verdadeiramente inclusivos?

Identificada a questão é necessário traçar os objetivos.

Um dos objetivos deste estudo é verificar as características da escola inclusiva existentes nos jardins de infância, verificar quais é que precisam de ser desenvolvidas e por último ajudar a promover e a desenvolver essas mesmas características.

3- Procedimentos Metodológicos

Como refere Gill (1995), “a metodologia consiste, essencialmente, num conjunto de procedimentos que refletem o caminho percorrido ou a percorrer, no sentido de organizar, planificar e desenvolver todo o trabalho de projeto”.

Neste estudo usamos um questionário. Borg & Gall (2002) referem que o questionário é uma técnica de recolha de dados vulgarmente usada numa pesquisa que pressupõe a análise quantitativa dos dados, uma vez que a sua estrutura é padronizada, tanto no texto das questões, como na sua ordem.

Ainda segundo Tuckman (2002), o questionário permite recolher informação a um conjunto de pessoas, a uma amostra representativa da população que se pretende investigar.

O questionário foi elaborado com base no livro Educação Pré-Escolar Inclusiva, Guia do Educador de Infância (2020). Através deste poderemos ter uma visão do grau de inclusão no contexto do pré-escolar.

O questionário é composto por oito dimensões: Dimensão 1- Atmosfera Geral de Acolhimento; Dimensão 2- O Ambiente Social Inclusivo; Dimensão 3- Abordagem centrada na criança; Dimensão 4- Ambiente físico adaptado à criança; Dimensão 5- Material para todas as crianças; Dimensão 6- Oportunidade de comunicação para Todos; Dimensão 7- Ambiente de Ensino a Aprendizagem Inclusiva e Dimensão 8- Ambiente favorável à família.

Cada dimensão engloba um conjunto de indicadores. A dimensão 1: Todas as crianças e respetivas famílias sentem-se bem acolhidas; O espaço é confortável e estimulante para as crianças e para os profissionais; As lideranças promovem uma cultura colaborativa e inclusiva; Valoriza-se a diversidade da comunidade local; Promove-se nas crianças, o sentido de pertença ao grupo de pares; Evita-se que alguma criança se possa sentir excluída.

Dimensão 2 os indicadores são: Os adultos criam uma relação interpessoal com as crianças, Promovem-se as brincadeiras com todos os pares; Todas as crianças estão envolvidas em atividades de grupo; As crianças são incentivadas a respeitar as diferenças no grupo de pares; Incentiva-se as crianças a desenvolver um comportamento positivo face a outras crianças com medidas de apoios universais, seletivas e adicionais; As crianças tentam resolver conflitos que possam surgir no âmbito do grupo, se necessário com a orientação do educador.

Dimensão 3: As propostas de atividades são pensadas com base nos interesses e escolhas das crianças; Dá-se resposta às opiniões e questões que cada criança expressa; Todas as crianças são envolvidas nas decisões que são importantes para elas; As transições entre atividades são

facilitadas para todas as crianças. É disponibilizado um apoio personalizado à aprendizagem (recursos humanos e materiais); Os educadores têm acesso a apoio adicional e/ou externo sempre que necessário.

Dimensão 4: As instalações do contexto (interiores e exteriores) são acessíveis para todas as crianças; O contexto é seguro e saudável para as crianças; Todas as crianças conseguem participar; O mobiliário e o equipamento são adequados para todas as crianças.

Dimensão 5: Os brinquedos e materiais são interessantes, facilmente acessíveis e estimulantes para todas as crianças; Os brinquedos e os materiais são desafiantes para a iniciativa, independência, exploração e criatividade das crianças; Os materiais são utilizados para promover a comunicação, a linguagem, a literacia, a matemática e as ciências; O/A educador (a) utiliza material adaptado para facilitar o brincar e a aprendizagem de todas as crianças; Os brinquedos e os materiais refletem a diversidade cultural, o/a educador (a) encoraja as crianças a brincar umas com as outras e a partilharem brinquedos e materiais.

Dimensão 6: O contexto permite que todas as crianças comuniquem e utilizem a linguagem; As atividades de aprendizagem centram-se na linguagem e no raciocínio das crianças; As crianças conseguem partilhar ideias, emoções e preocupações nas conversas com os pares; As crianças com diferentes línguas maternas conseguem expressar-se e ser compreendidas pelos pares e pelo pessoal; São utilizadas várias formas de facilitar a comunicação para todas as crianças (por exemplo: imagens, sinais gráficos, linguagem gestual, braille e tecnologias diferentes).

Dimensão 7: As crianças participam nas atividades de aprendizagem dinamizadas para todo o grupo; As expectativas são elevadas para todas as crianças; Há um reconhecimento dos esforços e das realizações de todas as crianças; É incentivada a utilização da diversidade, potencialidade e recursos de cada criança nas atividades de aprendizagem; Há uma observação e monitorização das necessidades de envolvimento, aprendizagens e apoio às crianças; Existe a oportunidade de formação contínua na área da educação inclusiva.

Dimensão 8: Os pais são convidados a participar nas atividades do contexto escolar; Promove-se uma relação de confiança com as famílias; Os pais são envolvidos na tomada de decisões sobre as necessidades de aprendizagem, desenvolvimento e apoio dos seus filhos; Os pais estão bem informados sobre as atividades diárias; Os pais devem/ são envolvidos no planeamento, implementação e monitorização do envolvimento e aprendizagem dos seus filhos.

Neste questionário foi utilizada a escala de Likert, que considera a organização das respostas em cinco pontos: Muito Bom; Bom, Suficiente; Insuficiente e Não se aplica. Este tipo

de escala é usualmente a mais utilizada, pois é a mais fácil de se aplicar e a mais simples de construir.

O estudo foi desenvolvido no Agrupamento de Escolas, constituído por oito escolas do pré-escolar.

Para a realização deste estudo foi contactado o Agrupamento de Escolas. Primeiro foi enviado um email ao Diretor do Agrupamento, o qual demonstrou disponibilidade imediata para nos receber. Após reunião, na qual explicamos o objetivo do estudo e o método a utilizar, foi concedida autorização para a realização do questionário a todos os educadores ligados à educação do pré-escolar do agrupamento. Para que os intervenientes tivessem um melhor acesso ao questionário, foi-me pedido que este fosse elaborado a partir da plataforma do Google Forms. Após o Diretor analisar o questionário, enviou a todos os educadores do pré-escolar.

Para este estudo foi utilizada uma amostra com a participação de 5 educadores de infância e 3 educadoras de ensino- especial.

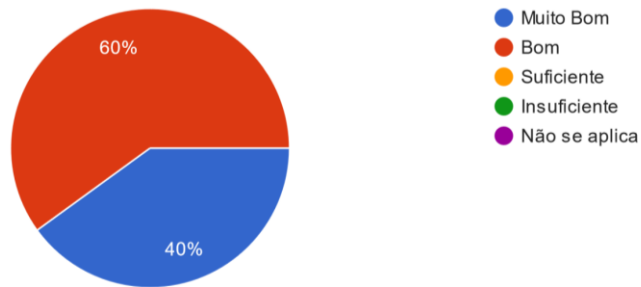
4- Apresentação dos Resultados

Os dados recolhidos são aqui apresentados de forma a serem posteriormente analisados.

Na dimensão 1: Atmosfera Geral do Acolhimento

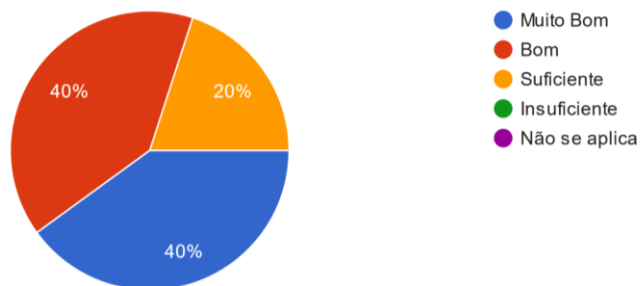
Todas as crianças e respetivas famílias sentem-se bem acolhidas

Dos inquiridos 40% referem que é Bom e os restantes 60% Muito Bom.



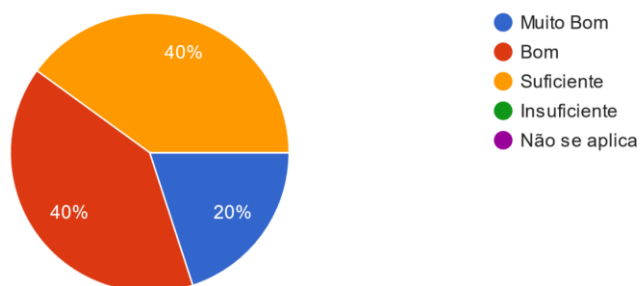
O espaço é confortável e estimulante para as crianças e para os profissionais

Dos inquiridos 40% assinalam Muito Bom, outros 40% assinalam Bom e 20% referem que é Suficiente.



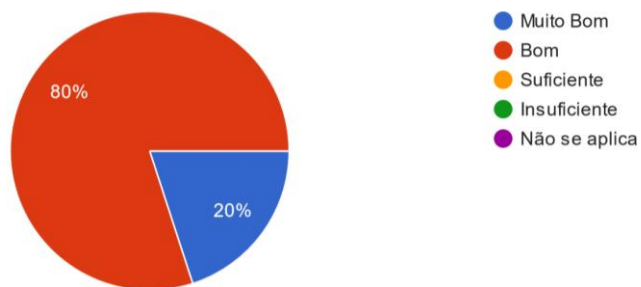
As lideranças promovem uma cultura colaborativa e inclusiva

Dos inquiridos 20% assinalam Muito Bom, 40% Bom e 40% Suficiente.



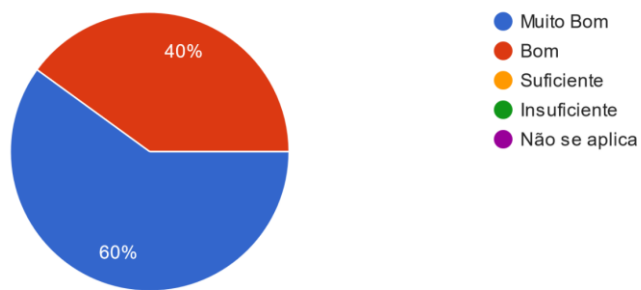
Valoriza-se a diversidade da comunidade local

20% dos inquiridos responderam Muito Bom e 80% Bom.



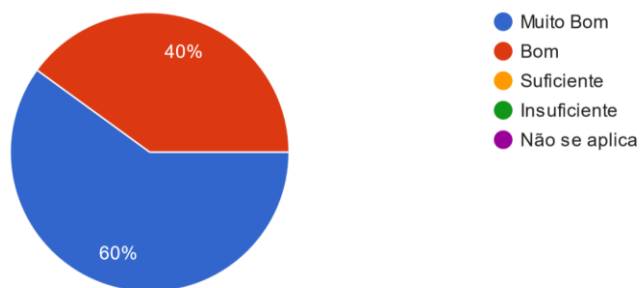
Promove-se nas crianças, o sentido de pertença ao grupo de pares

60% referem que é Muito Bom e os restantes 40% Bom.



Evita-se que alguma criança se possa sentir excluída

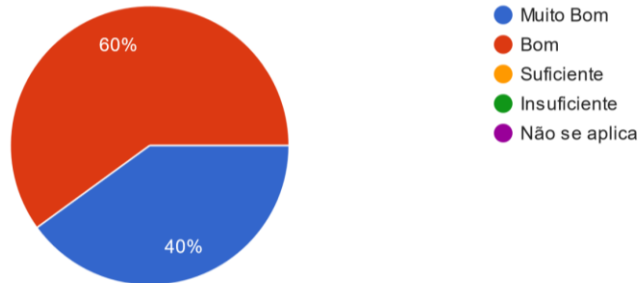
Dos inquiridos 60% assinalam Muito bom e 40% Bom.



Na dimensão 2: Ambiente Social Inclusivo

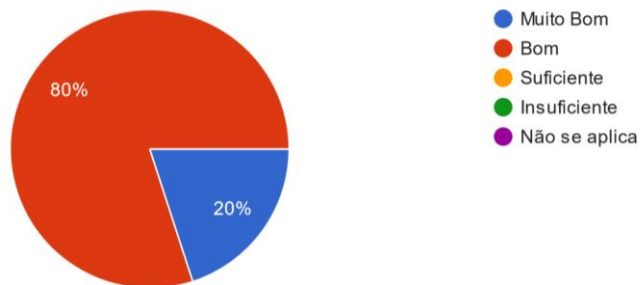
Os adultos criam uma relação interpessoal com as crianças

40% dos inquiridos refere que é Muito Bom e 60% Bom.



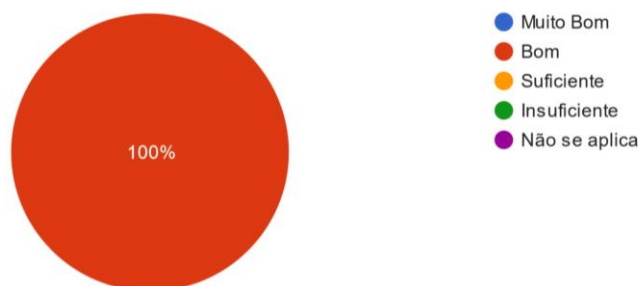
Promovem-se brincadeiras com todos os pares

20% dizem que é Muito Bom e 80% Bom.



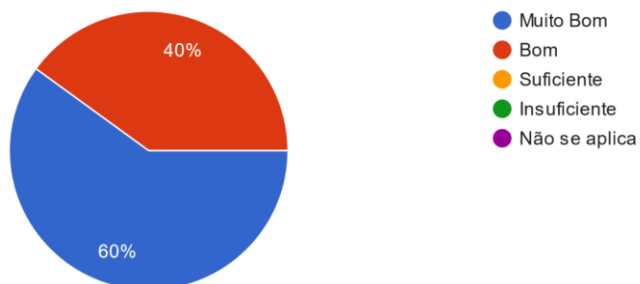
Todas as crianças estão envolvidas em atividades de grupo

Todos os inquiridos responderam Muito Bom – 100%.



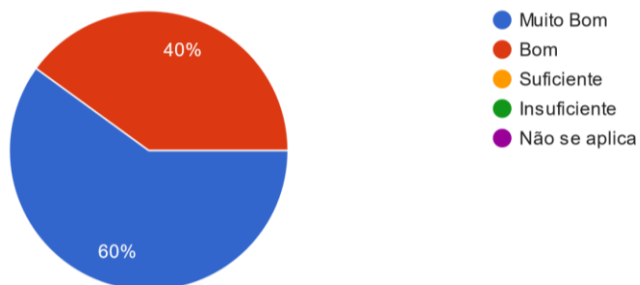
As crianças são incentivadas a respeitar as diferenças no grupo de pares

60% dos inquiridos responderam Muito Bom e 40% Bom.



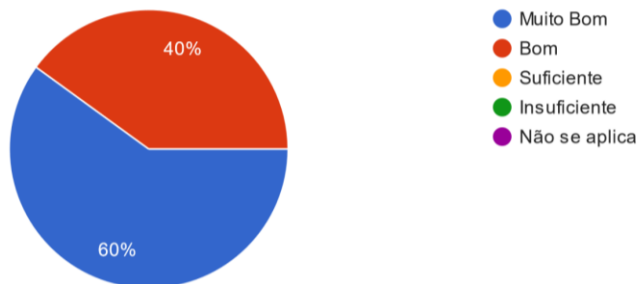
Incentiva-se as crianças a desenvolverem um comportamento positivo face a outras crianças com medidas de apoio universais, seletivas e adicionais

Dos inquiridos 60% responderam Muito Bom e 40% Bom.



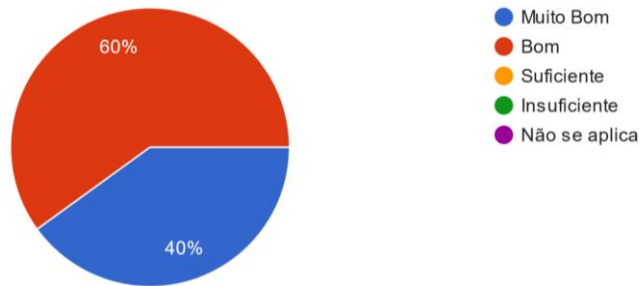
As crianças tentam resolver conflitos que possam surgir no âmbito do grupo, se necessário com a orientação do educador

60% responderam Muito Bom e 40% Bom.



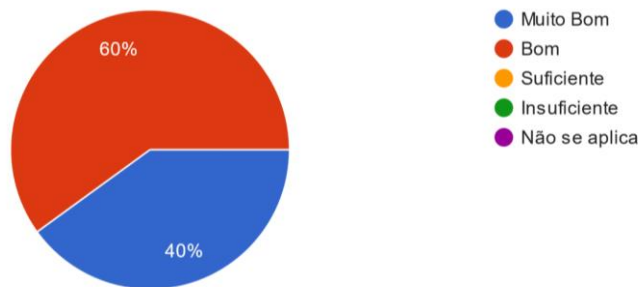
As propostas de atividade são pensadas com base nos interesses e escolhas das crianças

40% responderam Muito Bom e 60% Bom.



Dá-se resposta às opiniões e questões que cada criança expressa

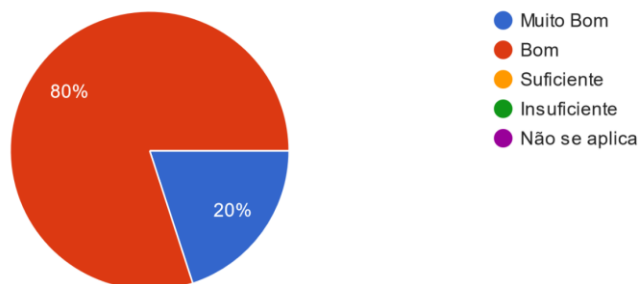
40% responderam Muito bom e 60% Bom.



Dimensão 3: Abordagem centrada na Criança

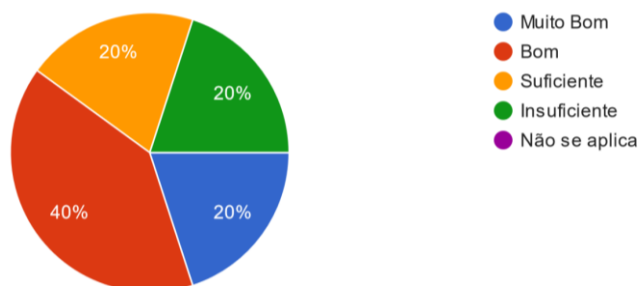
Todas as crianças são envolvidas nas decisões que são importantes para elas

Dos inquiridos 20% responderam Muito Bom e 80% Bom.



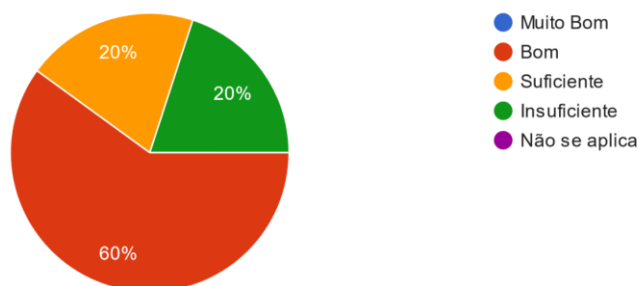
As transições entre atividades são facilitadas para todas as crianças. É disponibilizado um apoio personalizado à aprendizagem (recursos humanos e materiais)

Dos inquiridos 20% responderam Muito Bom, 40% responderam Bom, 20% Suficiente e os restantes 20% responderam Insuficiente.



Os educadores têm acesso a apoio adicional e/ ou externo sempre que necessário

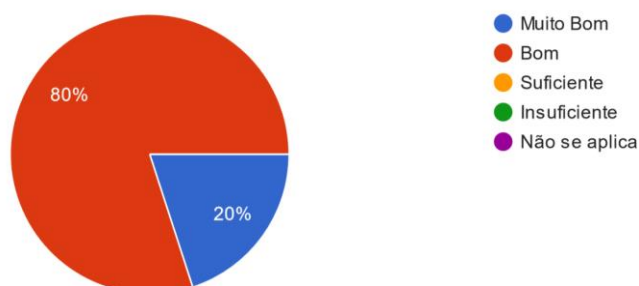
Dos inquiridos 60% responderam Bom, 20% Suficiente e os outros 20% responderam Insuficiente.



Dimensão 4: Ambiente Físico Adaptado à Criança

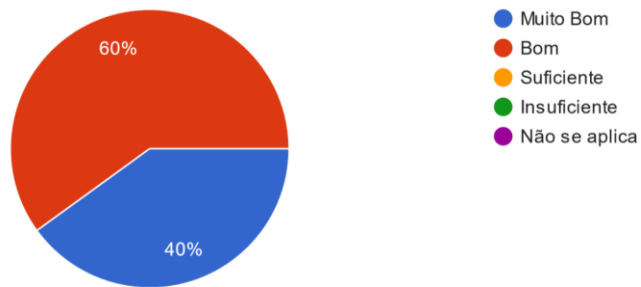
As instalações do contexto (interiores e exteriores) são acessíveis para todas as crianças

Dos inquiridos 20% responderam Muito Bom e 80% responderam Bom.



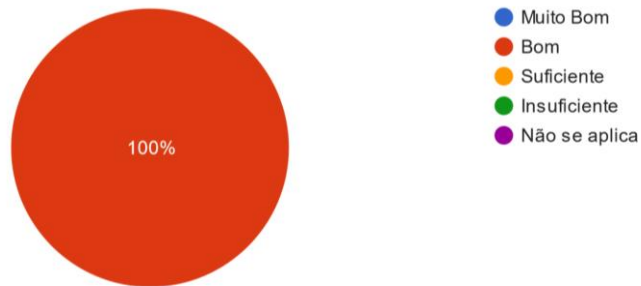
O contexto é seguro e saudável para as crianças

40% dos inquiridos responderam Muito bom e 60% Bom



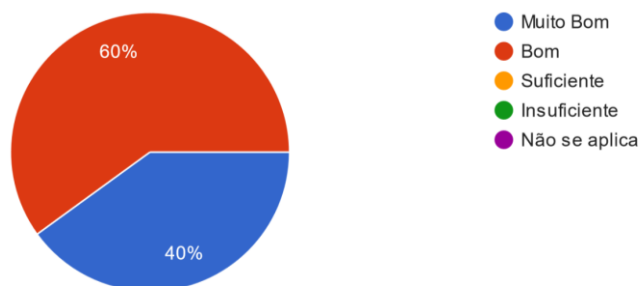
Todas as crianças conseguem participar

Todos os inquiridos responderam Muito Bom (100%).



O mobiliário e o equipamento são adequados para todas as crianças

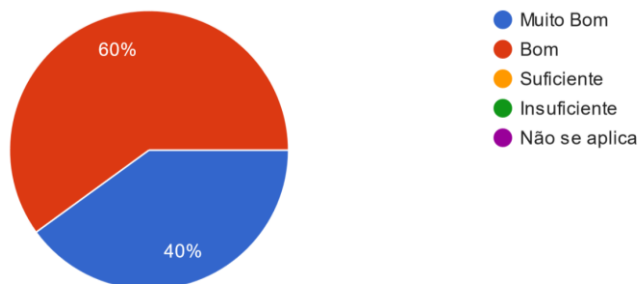
Dos inquiridos 40% responderam Muito Bom e 60% Bom.



Dimensão 5: Material para todas as crianças

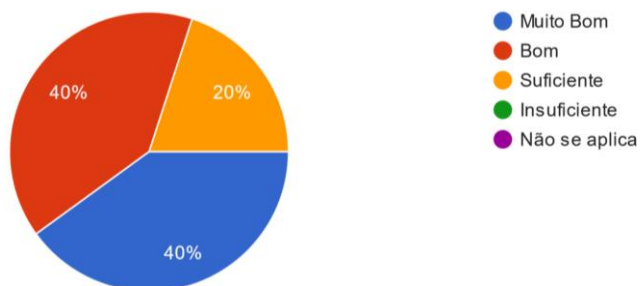
Os brinquedos e materiais são interessantes, facilmente acessíveis e estimulantes para todas as crianças

40% responderam Muito Bom e 60% Bom.



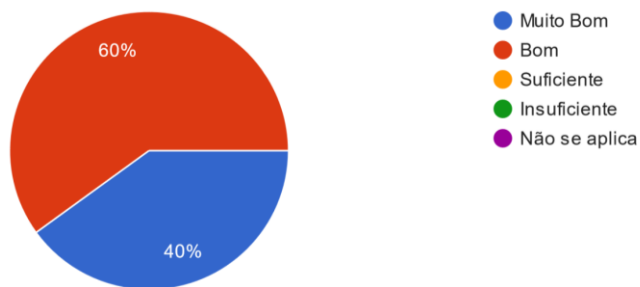
Os brinquedos e os materiais são desafiantes para a iniciativa, independência, exploração e criatividade das crianças

Dos inquiridos 40% responderam Muito Bom, 40% responderam Bom e 20% Suficiente.



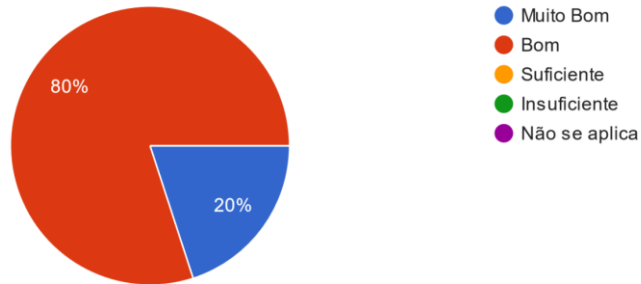
Os materiais são utilizados para promover a comunicação, a linguagem, a literacia, a matemática e as ciências

40% responderam Muito Bom e 60% responderam Bom.



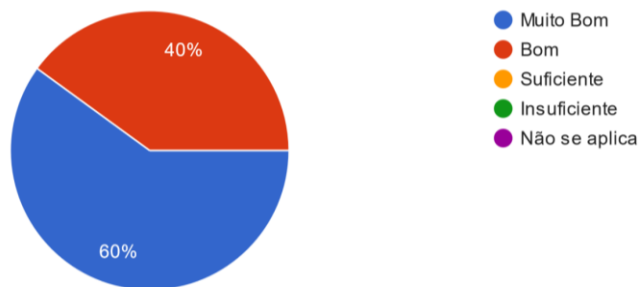
O/A educador (a) utiliza material adaptado para facilitar o brincar e a aprendizagem de todas as crianças

20% responderam Muito Bom e 80% Bom.



Os brinquedos e os materiais refletem a diversidade cultural, (o/a) educador (a) encoraja as crianças a brincar umas com as outras e a partilharem brinquedos e materiais

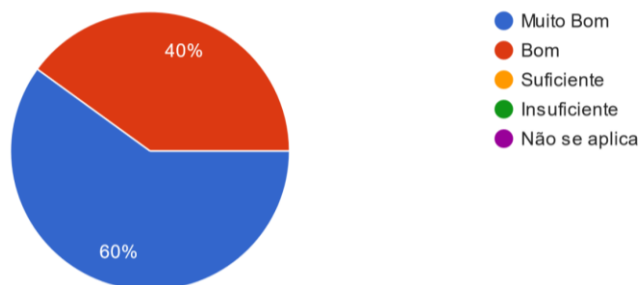
60% responderam Muito Bom e 40% Bom.



Dimensão 6: Oportunidade de Comunicação para Todos

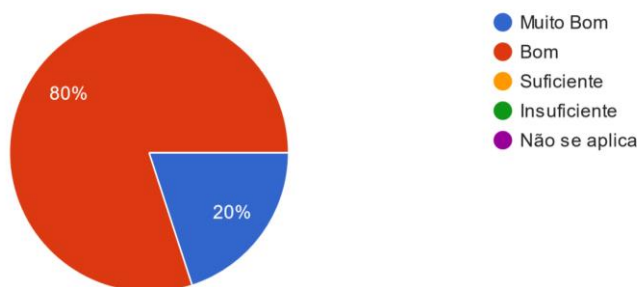
O contexto permite que todas as crianças comuniquem e utilizem a linguagem

Dos inquiridos 60% responderam Muito Bom e 40% Bom.



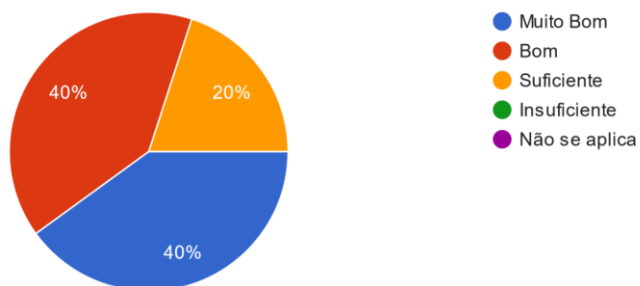
As atividades de aprendizagem centram-se na linguagem e no raciocínio das crianças

20% responderam Muito Bom e 80% Bom.



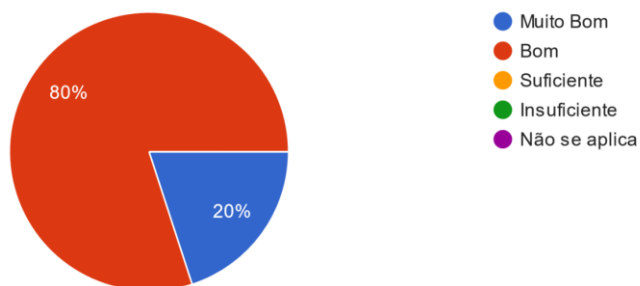
As crianças conseguem partilhar ideias, emoções e preocupações nas conversas com os pares

40% responderam Muito Bom, 40% Bom e 20% Suficiente.



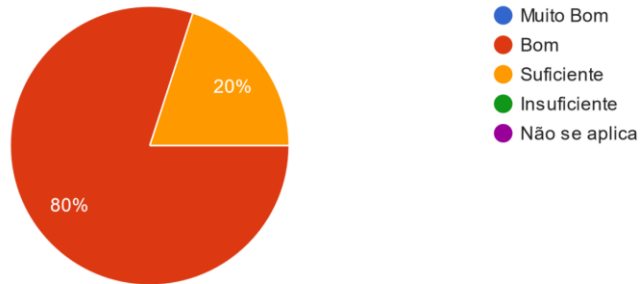
As crianças com diferentes línguas maternas conseguem expressar-se e ser compreendidas pelos pares e pelo pessoal

20% responderam Muito Bom e 80% Bom.



São utilizadas várias formas de facilitar a comunicação para todas as crianças (por exemplo: imagens, sinais gráficos, linguagem gestual, braille e tecnologias diferentes)

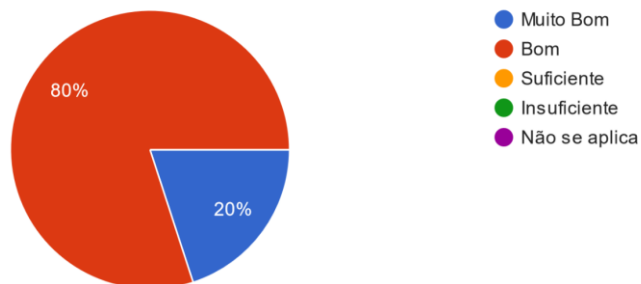
80% responderam Bom e 20% Suficiente.



Dimensão 7: Ambiente de Ensino e Aprendizagem Inclusiva

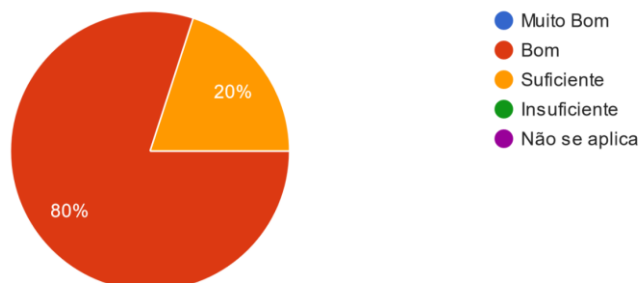
As crianças participam nas atividades de aprendizagem dinamizadas para todo o grupo

20% responderam Muito Bom e 80% Bom.



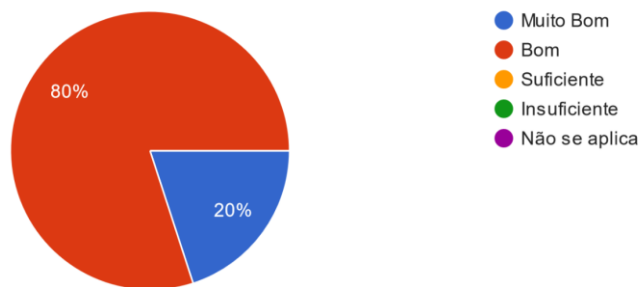
As expetativas são elevadas para todas as crianças

80% responderam Bom e 20% Suficiente.



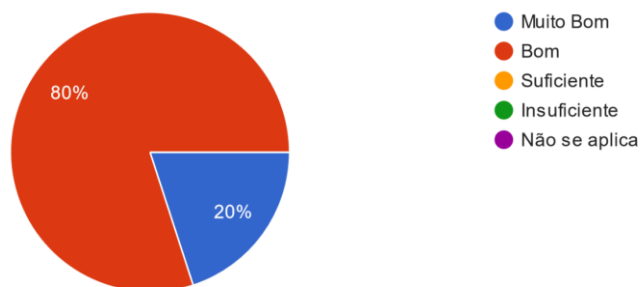
Há um reconhecimento dos esforços e das realizações de todas as crianças

20% responderam Muito Bom e 80% Bom.



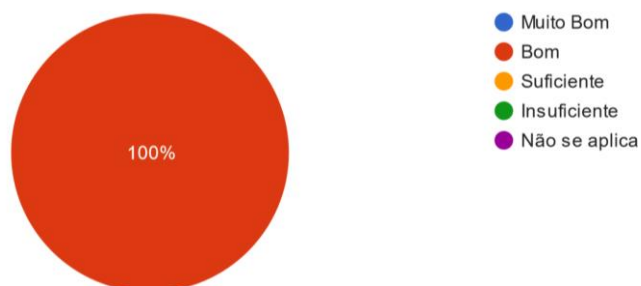
É incentivada a utilização da diversidade, potencialidade e recursos de cada criança nas atividades de aprendizagem

20% responderam Muito Bom e 80% Bom.



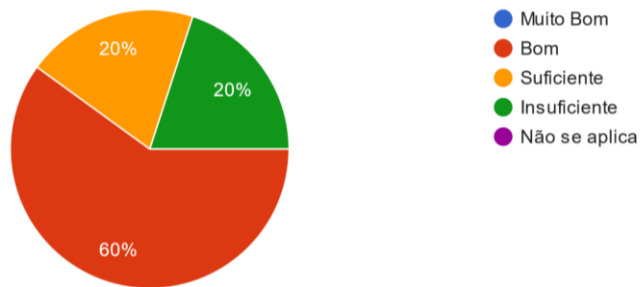
Há uma observação e monitorização das necessidades de envolvimento, aprendizagens e apoio às crianças

Todos responderam Muito Bom (100%).



Existe oportunidade de formação contínua na área da educação inclusiva

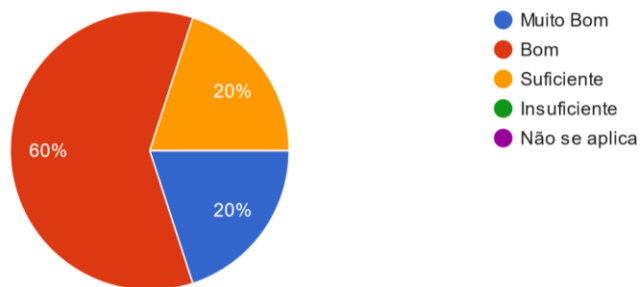
60% responderam Bom, 20% suficiente e 20% Insuficiente.



Dimensão 8: Ambiente Favorável à Família

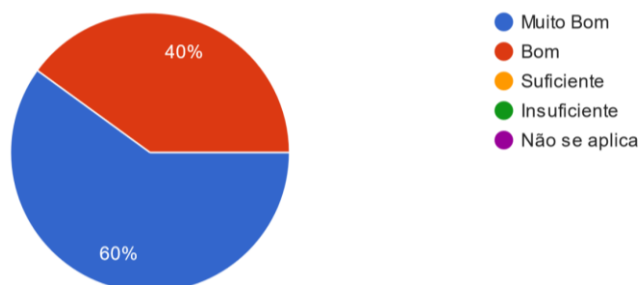
Os pais são convidados a participar nas atividades do contexto escolar

20% responderam Muito Bom, 60% Bom e 20% Suficiente.



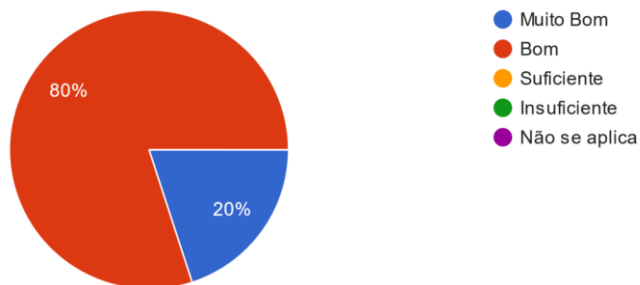
Promove-se uma relação de confiança com as famílias

60% responderam Muito Bom e 40% Bom.



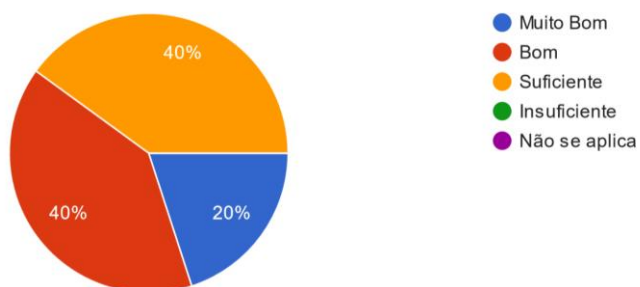
Os pais são envolvidos na tomada de decisões sobre as necessidades de aprendizagem, desenvolvimento e apoio dos seus filhos

20% responderam Muito Bom e 80% Bom.



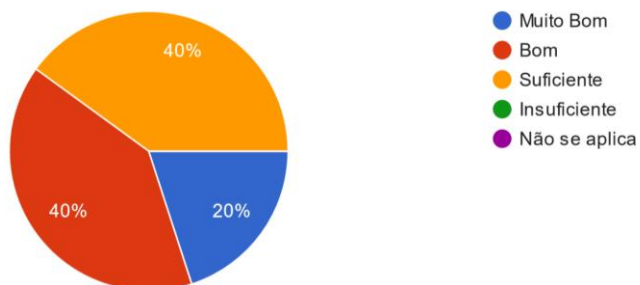
Os pais estão bem informados sobre as atividades diárias

20% responderam Muito Bom, 40% Bom e 40% Suficiente.



Os pais devem/são envolvidos no planeamento, implementação e monitorização do envolvimento e aprendizagem dos seus filhos

20% responderam Muito Bom, 40% Bom e 40% Suficiente.



5- Análise dos Resultados da Autorreflexão

Após a apresentação dos resultados obtidos através do questionário aos educadores de infância, segue-se a sua análise.

O questionário aplicado permitiu que os educadores de infância fizessem uma autorreflexão do grau de inclusão no seu contexto escolar.

A educação Pré-Escolar é essencial para o desenvolvimento das aprendizagens, das atitudes e valores.

A primeira dimensão (Atmosfera Geral de Acolhimento) tem como objetivos o bem-estar tanto das crianças como das suas famílias, o de oferecer um espaço agradável para as crianças e todos os seus intervenientes, o de ter em conta a diversidade da comunidade, o de desenvolver nas crianças um sentido de pertença a um grupo e evitar que as crianças se sintam excluídas.

Através dos gráficos observamos que esta dimensão está desenvolvida e que existe uma boa atmosfera de acolhimento. Embora, 20% dos inquiridos tenha respondido que o espaço só é suficientemente estimulante e confortável e 40% referem que as lideranças promovem uma cultura colaborativa e inclusiva. Ou seja, estes dois indicadores devem ser mais desenvolvidos.

Como menciona González (2008) a liderança é uma exigência para a supressão dos obstáculos para a inclusão nas escolas. Segundo o autor, a liderança escolar inclusiva significa uma liderança democrática e participativa.

Relativamente aos outros gráficos referentes a esta dimensão, observou-se que 60% referem que todas as crianças e respetivas famílias são bem acolhidas e 40% referem que é Muito Bom. A valorização da diversidade da comunidade local é Bom (80%) e Muito Bom (20%).

O sentido de pertença ao grupo de pares, também é um dos indicadores desenvolvidos, uma vez que 80% responderam Bom e 20% Muito Bom.

A segunda dimensão é o Ambiente Social Inclusivo. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) “Assim, todas as crianças, independentemente da sua nacionalidade, língua materna, cultura, religião, etnia, orientação sexual de membro da família, das suas diferenças a nível cognitivo, motor ou sensorial, etc., participam na vida do grupo, sendo a diversidade encarada como um meio privilegiado para enriquecer as experiências e oportunidades de aprendizagem de cada criança.”

Analisando os gráficos observamos que os educadores criam uma boa relação interpessoal com as crianças.

A relação que o educador estabelece com as crianças é fundamental para o seu desenvolvimento. Se essa relação for favorável, o desenvolvimento da criança será igualmente

favorável e assim a criança sentir-se à protegida e segura, proporcionando também uma boa relação com os seus pares. Como refere Martins (2021), “as crianças (...) precisam de sentir que podem confiar não só na família, mas também noutros agentes educativos.”

Todas as crianças estão envolvidas em atividades de grupo (100% responderam Muito Bom).

Relativamente aos pontos que referem que as crianças são incentivadas a respeitar as diferenças no grupo de pares, a desenvolver um comportamento positivo face a outras crianças com Medidas de Apoio e que tentam resolver conflitos que possam surgir no grupo, 60% responderam ser Muito Bom e 40% Bom.

Os pares desempenham um papel fundamental na inclusão, pois a relação que estabelecem promovem o desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças. Como refere Barreto e Vieira (2012), “uma inclusão de sucesso é conseguida quando a criança diferente estabelece relações de amizade com os seus pares, se sente parte de um grupo e é por ele verdadeiramente aceite.”

Em relação aos conflitos, estes podem começar com uma brincadeira, mas quando são bem solucionados promovem o desenvolvimento da criança ao nível da resolução de conflitos interpessoais.

A dimensão três é a Abordagem Centrada na Criança. Para que exista um bom ambiente inclusivo é preciso ver a criança como um ser único, deve-se ter sempre presente os seus interesses e expectativas.

Na análise dos gráficos observamos que está presente o interesse das crianças. As propostas de atividade são pensadas com base nos interesses e escolhas das crianças e dá-se resposta às opiniões e questões que cada criança expressa, 40% responderam Muito Bom e 60% Bom. Todas as crianças são envolvidas nas decisões que são importantes para elas, 20% responderam Muito Bom e 80% Bom. Isto são indicadores de que existe uma preocupação no interesse e nas escolhas das crianças.

No que concerne às transições entre atividades são facilitadas para todas as crianças e é disponibilizado um apoio personalizado à aprendizagem (recursos humanos e materiais) 20% dos inquiridos responderam Muito Bom, 40% Bom, 20% Suficiente e 20% Insuficiente. E em relação ao apoio adicional e/ou externo, 60% responderam Bom, 20% Suficiente e 20% Insuficiente. Isto significa que estes indicadores precisam de mais desenvolvimento, serão precisos mais recursos humanos e materiais e mais apoio adicional para conseguir assegurar o desenvolvimento das crianças.

O Ambiente Físico Adaptado à Criança é a quarta dimensão a ser analisada. O ambiente físico deve ser pensado nas crianças. Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

(2016) está referido que “O conhecimento do espaço e das suas possibilidades é uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia da criança e do grupo, o que implica que as crianças compreendam como está organizado e pode ser utilizado, participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. Esta apropriação do espaço dá-lhes a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneiras, por vezes imprevistas e criativas, e de forma cada vez mais complexa.”

Na análise das respostas dos inquiridos podemos afirmar que é um indicador que está desenvolvido e que existe uma preocupação do agrupamento em manter um bom espaço tanto interior como exterior, possibilitando o desenvolvimento das crianças.

“O espaço exterior é um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais (...) É ainda um espaço em que as crianças têm oportunidade de desenvolver atividades físicas num ambiente de ar livre”. Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016)

Na dimensão cinco é avaliado o Material para todas as crianças. Mais uma vez, como está referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016) “O/A educador (a) promove o envolvimento ou a implicação da criança ao criar um ambiente educativo em que esta dispõe de materiais diversificados que estimulem os seus interesses e curiosidade (...)”

Este indicador encontra-se entre o Muito Bom e o Bom. Embora, no ponto de os materiais serem desafiantes para as crianças para a iniciativa, independência, exploração e criatividade das crianças, 20% dos inquiridos responderem ser Suficiente, o que pressupõe que não estão completamente satisfeitos e que os materiais poderiam ser melhores para o desenvolvimento da criatividade e independência das crianças.

A dimensão seis é a Oportunidade de Comunicação para Todos. Na criança sem nenhum tipo de problema, a linguagem é um meio que permite e facilita a sua integração no grupo social no qual está inserida. A comunicação possibilita e facilita a interação quer com os adultos quer com as outras crianças. Contudo, quando a criança apresenta problemas de comunicação, toda a sua aprendizagem fica condicionada.

A capacidade de comunicar desenvolve a autonomia, a autoestima e a valorização pessoal. Por isso, quando surge uma criança com problemas de comunicação deve-se utilizar outras formas de comunicação, os Sistemas Alternativos ou Aumentativos de Comunicação (SAAC).

Relativamente a este indicador podemos observar que se encontra no nível entre o Muito Bom e o Bom. As crianças comunicam e utilizam a linguagem, desenvolvendo o seu raciocínio.

Mas, nem todas as crianças conseguem exprimir as suas ideias, emoções e preocupações nas conversas com os pares, pois 20% dos inquiridos responderam ser Suficiente, ou seja, os educadores devem promover mais o diálogo com os pares e motivar as crianças a dialogarem sobre as suas ideias e emoções.

No que diz respeito às várias formas de facilitar a comunicação para todas as crianças, 80% referiram que é Bom e 20% Suficiente. Os educadores demonstraram que precisam de melhorar este indicador e que os Sistemas Alternativos ou Aumentativos (SAAC) devem ser mais desenvolvidos.

A dimensão sete é referente ao Ambiente ensino- Aprendizagem. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar (2016) “A inclusão de todas as crianças implica a adoção de práticas pedagógicas diferenciadas, que respondam às características individuais de cada uma e atendam às suas diferenças, apoiando as suas aprendizagens e progressos.(...) Esta perspetiva supõe que o planeamento realizado seja adaptado e diferenciado, em função do grupo e de acordo com as características individuais, de modo a proporcionar a todas e a cada uma das crianças condições estimulantes para o seu desenvolvimento e aprendizagem, promovendo um sentido de segurança e autoestima.”

No que diz respeito se as expectativas são elevadas para todas as crianças, 60% responderam Bom e 20% Suficiente, o que significa que não se espera que todas as crianças consigam superar alguns dos obstáculos e que não é igual o que se espera de todas as crianças.

80% responderam que existe um reconhecimento dos esforços e das realizações de todas as crianças, e também que é incentivada a utilização de diversidade, potencialidade e recursos de cada criança nas atividades.

100% referem que é Bom a observação e monitorização das necessidades de envolvimento, aprendizagens e apoio às crianças. É crucial utilizar procedimentos diversificados de observação e monitorização, o que permite ao educador obter informação sobre o desenvolvimento das crianças.

Na perspetiva da formação contínua na área da Educação Inclusiva, 60% responderam Bom, 20% Suficiente e 20% Insuficiente, o que prova que os educadores de infância não estão totalmente satisfeitos.

A formação contínua é essencial para a construção de uma escola inclusiva, para o educador se sentir melhor preparado para enfrentar os obstáculos que surjam no dia-a-dia.

A última dimensão a ser analisada é a que se refere ao Ambiente Favorável à Família.

O desenvolvimento da criança depende de dois contextos, o familiar e o escolar, pois são nestes dois contextos que a criança passa a maior parte do seu tempo. Só existe inclusão se a família e o jardim-de-infância tiverem uma relação de interajuda e de união. A relação que

estabelecem é de extrema importância para a criança, para que esta se possa desenvolver de forma coerente e harmoniosa.

Como refere Hohmann & Weikart (2004), “desde o dia em que nascem, as crianças vivem numa família que dá forma às suas crenças, valores, atitudes e ações. Ao tentar compreender e respeitar a família de cada uma delas vamos encorajá-la a verem-se, a si próprias e aos outros, como sendo pessoas de valor e membros participantes da sociedade.”

A participação dos pais na escola tem como objetivo o promover o desenvolvimento da criança. É necessário que todos os intervenientes (família e escola) trabalhem em equipa.

O Decreto-lei 54/2018 refere que “os pais ou encarregados de educação no âmbito do exercício dos poderes e deveres que lhe foram conferidos nos termos da Constituição e da lei, têm o direito e o dever de participar e cooperar ativamente em tudo o que se relacione com a educação do seu filho ou educando, bem como aceder a toda a informação constante no processo individual do aluno, designadamente no que diz respeito às medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão.” (Art. 4º)

Analisando os gráficos sobre esta dimensão, podemos observar que existem alguns objetivos que devem ser melhorados. Dos inquiridos 60% afirmaram que é Muito Bom a relação de confiança com as famílias e 40% responderam Bom. No ponto que se refere que os pais são envolvidos na tomada de decisões sobre as necessidades de aprendizagem, desenvolvimento e apoio dos seus filhos 20% responderam Muito Bom, 60% Bom e 20% Suficiente, assim como nos pontos que referem que os pais estão bem informados sobre as atividades diárias. Relativamente, aos pais devem/ são envolvidos no planeamento, implementação e monitorização do envolvimento e aprendizagem dos seus filhos, só 20% responderam Muito Bom, 40% Bom e 40% Suficiente.

Em suma, da análise dos resultados podemos concluir que os indicadores de inclusão na Dimensão 1, são 40% Muito Bom, 50% Bom e 10% Suficiente. Na Dimensão 2 40% Muito Bom e 60% Bom. Na Dimensão 3 24% Muito Bom, 60% Bom, 8% Suficiente e 8% Insuficiente. Na Dimensão 4 25% Muito Bom e 75% Bom. Na Dimensão 5 40% Muito Bom, 56% Bom e 4% Suficiente. Na Dimensão 6 28% Muito Bom, 64% Bom e 8% Suficiente. Na Dimensão 7 10% Muito Bom, 80% Bom e 10% Suficiente. E na Dimensão 8 28% Muito Bom, 52% Bom e 20% Suficiente.

A percentagem salienta que os indicadores de inclusão estão no grau Bom. No entanto devem ser melhorados, especialmente os indicadores da Dimensão 3, indicadores relacionados com a abordagem centrada na criança. As crianças são seres únicos e deve existir uma preocupação nos interesses e necessidades de cada uma. Também se observa que o Agrupamento deve ter mais apoios (recursos humanos e materiais) para que esta abordagem seja aperfeiçoada.

6- Análise dos Resultados com vista a um Plano de Ação

Na sequência dos resultados da autorreflexão que as educadoras fizeram e após divulgar os resultados com as mesmas, senti a necessidade de lhes questionar sobre os indicadores menos positivos, o porquê e o que se poderia fazer para os melhorar.

Um dos indicadores menos positivos foi o da Dimensão 1, os espaços e as lideranças. As educadoras justificaram que em contexto da educação pré-escolar nem sempre se tem em atenção a faixa etária das crianças, que necessitam de espaço. Os espaços por vezes são desconfortáveis e demasiado pequenos, tanto para expor materiais, como para o mobiliário. Devido a isso torna-se difícil estimular a autonomia e independência das crianças, pois muitas vezes os materiais estão em espaços difíceis ou mesmo impossíveis das crianças os alcançarem.

As verbas concedidas ao Jardim de Infância são cada vez mais exíguas, o que se traduz em menos quantidade, pior qualidade e reduzida diversidade de materiais.

Uma das soluções apresentadas para uma melhor satisfação deste indicador era ter salas amplas e funcionais (com luz natural, com paredes preparadas para expor trabalhos, com mobiliário suficiente e adaptados às necessidades das crianças).

Relativamente às lideranças, referem que estas promovem a colaboração e inclusão dentro dos limites que lhes são possíveis, que ao fazerem parte de um agrupamento grande, com muitas questões por resolver, que é possível que a educação pré-escolar represente a parte “menos importante”, talvez por ser uma etapa da educação que não é obrigatória.

As soluções apontadas foram ter agrupamentos mais pequenos e que os profissionais que assumem cargos de liderança precisam de olhar para cada criança como um ser humano único, que necessita de ser acolhido no seu grupo, num ambiente o mais normalizado possível e não percecionar a diferença como um problema para resolver.

Na Dimensão 3, os indicadores menos positivos são sobre se as transições entre atividades são facilitadas para todas as crianças, se existe um apoio personalizado à aprendizagem e se as educadoras têm acesso a apoio adicional e/ou externo sempre que necessário. Para estes dois indicadores, as educadoras referiram que as salas são demasiado pequenas e o mobiliário insuficiente para expor os materiais e facilitar a transição entre atividades. Os grupos são demasiadamente numerosos para salas pequenas e para apenas um educador e uma assistente operacional e que existe falta de pessoal de apoio.

Como solução para aumentar o nível de satisfação, as educadoras referiram que um dos aspetos era ter em conta as dimensões e mobiliário das salas, diminuir o número de crianças por educador, por forma a ser possível um apoio mais personalizado e contínuo, constituir uma bolsa de pessoal de apoio / substituição (docentes, não docentes e especializado).

Em relação à Dimensão 5, os indicadores relativos ao material e aos brinquedos, as educadoras mencionaram que os materiais existentes são desafiantes, pois são as próprias educadoras que os adquirem. Como solução sugeriram um aumento das verbas a disponibilizar ou assegurar o adequado equipamento dos espaços, de acordo com as necessidades específicas das crianças, garantindo que esse processo tem a orientação e supervisão de profissionais credenciados e sensíveis.

Na Dimensão 6, os indicadores mais questionáveis são os que se referem às crianças conseguirem partilhar ideias e emoções e se são utilizadas várias formas de facilitar a comunicação. As educadoras indicaram que apesar de existirem exceções, na sua maioria é difícil as crianças conversarem e partilharem ideias de forma estruturada e por vezes, mesmo compreensível. Não conseguem explicar muito bem o porquê, mas como resposta referenciaram que poderá haver pouco diálogo em casa, pois muitas vezes deixam as crianças entregues às novas tecnologias, que hoje em dia são mais atrativas para elas, mas que os conteúdos visionados por vezes não são os mais adequados. No caso dos meios facilitadores de comunicação referem que a comunicação é facilitada recorrendo a imagens e tecnologias. A não ser em casos extremos, como de surdez e de cegueira em que deveria haver apoios dos profissionais com formação nas áreas de Braille ou língua gestual. Mas também salientam que todas as educadoras deveriam receber apoio e acompanhamento técnico tanto para adequarem a sua prática na interação com todas as crianças, como para serem sensibilizados para a diversidade de materiais a construir e serem apoiados nessa construção e na sua utilização em prol do desenvolvimento de todas as crianças.

Na Dimensão 7, os indicadores de menos satisfação, são os indicadores relativos às expectativas serem elevadas para todas as crianças e se existe oportunidade de formação contínua na área da educação inclusiva. Aos quais, as educadoras responderam que não basta serem educadoras, que acima de tudo precisam de ser pessoas sensíveis e de estarem disponíveis para acolher cada criança e para apostar nela de forma a potenciar o seu desenvolvimento em função das suas necessidades.

No que concerne à formação contínua, mencionaram que os Centros de Formação deveriam disponibilizar formação na área da educação inclusiva. No entanto, uma

educadora contrariamente, referiu que há formação nessa área em quantidade e qualidade suficiente, mas que por vezes não existe receptividade da parte de muitos profissionais, ao ponto de aceitarem despende tempo para “aprender fazer melhor” com crianças das quais, muitas vezes já desistiram quase antes de as terem conhecido.

Na última Dimensão, os indicadores menos satisfatórios são os relacionados com a família, se os pais participam nas atividades diárias e se são envolvidos no planeamento, implementação e monitorização do envolvimento e aprendizagem dos seus filhos. Como justificação, as educadoras referiram que a pandemia veio criar um espaço de afastamento entre a família e a escola, e também salientaram que cada educadora tem o seu método de trabalho, haverá algumas que tentam integrar as famílias nas atividades escolares, e que vêm a escola e a família como parceiros no processo educativo, no qual a colaboração e comunicação regulares fazem ainda mais sentido quando existem crianças a necessitar de uma maior atenção individualizada. E outras que preferirão não o fazer tanto. Salientam ainda que tendo em conta a educação pré-escolar assenta, num currículo emergente, que se constrói à medida dos interesses e necessidades das crianças, qualquer planeamento que se faça estará sempre sujeito a modificação. Por essa razão, o envolvimento dos pais nas atividades diárias seria difícil. No que diz respeito às aprendizagens dos seus educandos, salientam que existem sempre as avaliações de final de período e conversas formais ou informais com os pais, que lhes permitem manter informados sobre a evolução dos seus filhos.

Concluo com uma frase de uma das educadoras “Uma escola aberta, transparente e inclusiva não depende de diretivas, mas sim do ser e do estar de cada pessoa e, de forma muito particular, de cada profissional.”

De seguida, e como um dos objetivos do meu estudo irei escrever algumas sugestões de estratégias a desenvolver nos jardins de infância.

7- Sugestões de estratégias a desenvolver

As estratégias são procedimentos planeados e desenvolvidos por educadores com a finalidade de atingir os seus objetivos. Estas devem ser diversificadas com base nos interesses e necessidades de cada criança.

Após a análise das autorreflexões, verificou-se que existem alguns indicadores que precisam de ser melhor aperfeiçoados. Por isso, sugeri algumas estratégias às educadoras, que as receberam com entusiasmo. Na sugestão das estratégias tive como base, o livro “Educação Pré-Escolar Inclusiva- Guia do Educador de Infância” (2020).

Na Dimensão 1, as educadoras podem organizar um plano de boas vindas, utilizando um quadro, no qual as famílias escrevem as suas expetativas, pois é uma maneira de compreender melhor, o que a família espera da escola. Outra sugestão é desenvolver atividades de sensibilização e valorização da diversidade, pois a diversidade é uma realidade cada vez mais presente nos jardins de infância. Pode ser através de um conto de uma história, por exemplo “Orelhas de Borboleta” de Luísa Aguilar, “O Elmer” de David Mckee e “O som das cores” de Paula Teixeira. Podem ainda apresentar o vídeo “Inclusão Social Infantil desenho” (2020).

Para trabalhar a Dimensão 2, as educadoras devem proporcionar atividades e experiência diversificadas, permitindo que as crianças escolham e todas possam participar. O visionamento de alguns vídeos e sites que abordem a temática da interação e que demonstram como se deve adaptar os brinquedos para que as crianças com NE se sintam incluídas. O vídeo “Diálogos do Brincar- O Brincar na Diferença” e sites como “6 Brincadeiras inclusivas para fazer ao ar livre” e “Incluir Brincando- Guia do Brincar Inclusivo” podem ser interessantes e ser um auxílio para o desenvolvimento deste indicador. Em relação às crianças, para elas aceitarem a diferença, as educadoras podem ler o livro, por exemplo, “Maria, a alegria na diferença” de Teresa Coutinho, 2013. A música é outra das opções para trabalhar a temática da diferença, como a música “Todo o Mundo é Diferente”.

Na Dimensão 3, A Abordagem Centrada na Criança, deve-se escutar os interesses e expetativas da criança. Por exemplo, se uma criança coloca uma questão sobre a diferença entre a menina e o menino e se o grupo demonstrar interesse pelo mesmo tema, a educadora pode trabalhar a temática do corpo humano, explorando por exemplo, o livro “O grande livro do Corpo Humano” e/ou “Os nossos corpos são todos diferentes”.

As transições entre atividades foi um dos indicadores no qual as educadoras demonstraram estar insatisfeitas, ou seja, um indicador que deve ser trabalhado. Falar de transições alude para as rotinas diárias, o vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=0Amiuwn2OjE>) salienta que as rotinas são importantes para as crianças pois ajudam-nas a desenvolver a sua autoestima e confiança.

Ainda nesta dimensão, as educadoras demonstraram estar pouco satisfeitas com o indicador do acesso a apoio adicional e/ou externo. Sobre este indicador o Decreto-Lei nº281/2009 de 6 de outubro tem como objetivo o de dar resposta às necessidades identificadas, criando o Sistema Nacional de Prevenção Precoce na Infância (SNIPI), que garante medidas de apoio. Com este suporte legislativo as educadoras têm a capacidade de pedir apoio adicional necessário (<https://www.anip.pt/anip/publicacoes/>).

Na Dimensão 4, o Ambiente Físico Adequado à Criança, devem ter em atenção ao mobiliário e ao equipamento, que deve atender a critérios de qualidade e de variedade e sobretudo, devem ser adequados a todas as crianças. Um dos aspetos a trabalhar nesta dimensão com as crianças é a necessidade de acesso físico. Para trabalhar este ponto, as educadoras podem utilizar o livro de Jennifer More (2008) e/ou o vídeo “Diferentes e Especiais...Somos Todos” (<https://www.youtube.com/watch?v=aww32PsnHQI>).

Em relação à Dimensão 5, as educadoras podem desenvolver com as crianças jogos tradicionais, o jogo da macaca, do berlinde, entre outros. Os jogos educativos também são importantes no desenvolvimento de crianças com NE, por exemplo, o “jogo das Mimocas” e o “ABC Autismo”. Para facilitar o brincar e a aprendizagem das crianças com NE existem empresas que criam softwares, como é o caso da ANDITEC, que criou os “Primeiros Anos Mix” que contém quarenta e cinco atividades com três níveis de dificuldade para crianças com alterações da linguagem/aprendizagem.

Na dimensão 6, para desenvolver o indicador que remete para a partilha das ideias e sentimentos das crianças, as educadoras devem acima de tudo estar atentas e aceitar o que a criança diz, devem ensinar a ter respeito mútuo, promover o diálogo, ser expressivo e utilizar sempre o reforço positivo. As educadoras podem utilizar fantoches, cartões com imagens. Ainda podem contar histórias e pedir que as crianças contem as suas próprias. Ainda nesta Dimensão, e porque hoje em dia existe uma grande multiculturalidade, as educadoras para trabalhar este tema, podem dialogar sobre as diferentes nacionalidades que têm na sala e convidar os pais a partilharem canções infantis do seu país. Em relação às crianças que não conseguem utilizar a linguagem

como meio de comunicação, podem utilizar os Sistemas Aumentativos e Alternativos de Comunicação (SAAC), um sistema baseado em imagens e podem utilizar a plataforma ARASAAC. Os materiais adaptados já existentes também podem ser utilizados pelas educadoras, como a música “A Todos Um Bom Natal” (<https://www.pinterest.pt/pin/455145106077126001/>) ou a “História dos dez amigos” (<https://youtu.be/oXSDq-WNzn0>).

Na Dimensão 7, as educadoras podem contar a história “Herberto”, para assim trabalhar a autoestima da criança e mostrar às crianças que elas têm capacidades e que conseguem. Em relação à formação contínua dos professores inclusivos recomenda-se a leitura do documento “Formação de Professores para a Inclusão- Perfil de Professores Inclusivos”, editado por Amanda Watkins em 2012 (https://www.european-agency.org/sites/default/files/te4i-profile-of-inclusive-teachers_Profile-of-Inclusive-Teachers-PT.pdf).

Na Dimensão 8, o envolvimento da família, um indicador a valorizar, pois os pais são os parceiros dos educadores e vice-versa. Uma das formas dos pais participarem é através de correspondência, recados, registos através da caderneta ou através de plataformas de comunicação. Uma boa relação entre família e escola é muito importante para o desenvolvimento das crianças.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo principal o de perceber se os jardins de infância do Agrupamento eram inclusivos.

A educação pré-escolar é importante na educação das crianças, pois aprendem valores importantes para o seu desenvolvimento e para a sua vida futura.

A inclusão tem como um dos objetivos, o dos alunos aprenderem todos juntos, na diversidade, sabendo que a criança é um ser único, que tem os seus próprios interesses e necessidades.

A inclusão na educação pré-escolar é um processo fundamental para garantir que todas as crianças tenham uma educação de qualidade, na qual valores como o respeito, a cooperação e a igualdade sejam desenvolvidos.

A autorreflexão que as educadoras fizeram proporcionaram o seu conhecimento sobre as práticas inclusivas já existentes e as que podem ser aperfeiçoadas. Podemos referir que a educação inclusiva está presente no agrupamento, mas existem indicadores que ainda não estão bem desenvolvidos, como o indicador do espaço, das lideranças, das transições entre atividades, do acesso a apoio adicional e/ou externo, dos brinquedos e dos materiais, o das crianças conseguirem partilhar ideias e emoções, das várias formas de comunicação, das expectativas, da formação contínua na área da educação inclusiva e a participação das famílias.

Após enviar o resultado dos questionários houve necessidade de voltar a questionar as educadoras sobre o porquê de alguns indicadores não estarem tão bem desenvolvidos. Enviei juntamente algumas sugestões de atividades a desenvolver nas suas salas. Uma vez, que este trabalho para além de querer saber se a inclusão está presente, quais os indicadores que precisavam de ser desenvolvidos, o de tentar ajudar o agrupamento a ter um grau de satisfação de inclusão de Muito Bom também era um dos objetivos.

Este estudo permitiu-me compreender que por vezes os educadores encontram obstáculos difíceis de ultrapassar, mas que todos desenvolvem um trabalho pensado nas crianças, como seres únicos, que devem ser respeitadas nas suas singularidades.

Tornar o jardim de infância inclusivo é muito desafiante, pois por vezes tem que existir uma reestruturação ao nível dos recursos humanos, materiais, equipamentos e também um maior incentivo à formação na área da educação inclusiva. Apesar dos obstáculos que possam surgir, através da criatividade e profissionalismo de todos os

envolventes na educação e da mudança de algumas mentalidades e práticas educativas, todos juntos conseguiremos fazer uma escola de todos e para todos.

Para que a inclusão no meio educativo se desenvolva, deve-se fazer um esforço para promover os princípios da inclusão, e estes não podem ser desenvolvidos a partir da normalidade de um grupo, adaptando-se depois a outro, mas terão de se desenvolver de tal forma que todos aqueles que nele vão interagir e crescer o façam de forma igualmente valiosa, mas diferenciada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências Bibliográficas

Ainscow, M., Porter, G. & Wang, M. (1997). *Caminhos para as escolas inclusivas*. Lisboa. Instituto de Inovação Educacional.

Armstrong, F. (2014). *Educação inclusiva: Culturas escolares, ensino e aprendizagem*. Em F., Armstrong & D. Rodrigues. *A Inclusão nas Escolas* (pp. 13-29). Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Assembleia Geral das Nações Unidas (2006). Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência. <https://www.dgs.pt/em-destaque/convencao-das-nacoes-unidas-sobre-os-direitos-das-pessoas-com-deficiencia.aspx>.

Baptista, M (2020). *Educação Pré-Escolar Inclusiva, Guia do Educador de Infância*, Editora- IPC- ESSE

Bérrnard da Costa, A. M. (1999). *Uma educação inclusiva a partir da escola que temos*. Em CNE (Ed.), *Uma educação inclusiva a partir da escola que temos* (pp 25-36). Lisboa. Ministério da Educação.

Booth, T. & Ainscow, M. (2002a). *Índex para a inclusão: desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola*. Tradução de Ana Benard da Costa.

Booth, T. & Ainscow (2011). *Index para a Inclusão. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação*. Ed. CSIE

César, M. (2003). *A escola inclusiva enquanto espaço-tempo de diálogo de todos para todos*. Em David Rodrigues, *Perspetivas sobre a inclusão. Da educação à sociedade*. Porto Editora

Chen, J., Lin, T-J., Justice, L. & Sawyer, B. (2019). *The social networks of children with and without disabilities in early childhood special education classrooms*. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, (49), (pp. 2779–2794). <https://doi.org/10.1007/s10803-017-3272-4>.

Costa, J. (2019). Prefácio. Em J.A. Pacheco, *Inovar para mudar a escola*. Porto. Porto Editora. (pp. 5-6).

Correia, L. M. (2001). *Educação inclusiva ou educação apropriada?* Em D. Rodrigues (Ed.), *Educação e diferença. Valores e práticas para uma educação inclusiva*. Porto. Porto Editora

Correia, L. M. (2003). *O sistema educativo português e as necessidades educativas especiais ou quando inclusão quer dizer exclusão*. Porto Editora

Correia, L. M. (2006). *Educação especial e inclusão: do radicalismo às boas práticas educativas*. *Revista de educação especial e reabilitação*, (13), (pp.65-82).

Correia, L. M. (2008 b). *A Escola Contemporânea e a inclusão de alunos com NEE: considerações para uma educação com sucesso*. Porto: Porto Editora.

Correia, L. M. (2012). *A Escola para Todos e a Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais Significativas*. Em F. A. Costas, (Ed), *Educação, Educação Especial e Inclusão: Fundamentos, Contextos e Práticas*.

Correia, L. (2013). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais. Um Guia para Professores e Educadores*. Porto. Porto Editora.

Correia, L. M., & Serrano, A. M. (2013). *Inclusão e intervenção precoce: Para um começo educacional promissor*. Em L. M. Correia, (Ed), *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um guia para educadores e professores*. Porto. Porto Editora.

Correia, L. M. (2017). *Fundamentos da educação especial: Guia prático para educadores e professores*. Flora Editora.

Fernandes, P. (2013). *Políticas de Educação Especial em Portugal: uma análise a partir de um quadro de referência europeu*. Em Acta Scientiarum Education, (Vol.35). (pp. 201-211). Universidade Estadual de Maringá, Panamá, Brasil.

Formosinho, J. O. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora.

González, G. (2008). *Diversidad e Inclusión Educativa, algunas reflexiones sobre el liderazgo en el centro escolar*. REICE, Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación. (Vol.6. Nº2). (pp.82-89)

Hegarty, S. (2006). *Inclusão e Educação para Todos: parceiros necessários*. Em D. Rodrigues (Ed.). *Educação Inclusiva. Estamos a fazer progressos?* Cruz Quebrada. Faculdade de Motricidade Humana (Forum de estudo de educação inclusiva).

Hill, M. M. e Hill, A. (2005). *Investigação por questionário*. Lisboa. Edições Sílabo, 2.ª Ed.

Hohmann, M. & Weikart, D. P. (2004). *Educar a Criança*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Internet Latent Corpus, Journal, (2022). (Vol.12 N. 92). ISSN 164-7308

Leitão, F. (2010). *Valores Educativos, Cooperação e Inclusão*. Salamanca. Luso-Española de Ediciones.

Magalhães, A. & Stoer, A. (2011). *Pensar as diferenças. Contributos para a educação inclusiva*. Em D. Rodrigues. *Educação Inclusiva Dos conceitos às práticas de formação* (pp.29-44). Lisboa. Instituto Piaget.

Mantoan, M. T. E. (2004). *O direito de ser, sendo diferente, na escola*. Revista Centro de Estudos Jurídicos. (pp.26, 36-44)

Manual de Apoio à Prática (2018). *Para Uma Educação Inclusiva*. Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2000). *A Educação Pré-Escolar e os Cuidados para a Infância em Portugal*. (Estudo Temático da OCDE). Lisboa. Departamento da Educação Básica. Ministério da Educação.

Ministério da Educação (2016). *Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: DGEB.

Ministério da Educação (2020). *A Educação Pré-Escolar e os Cuidados para a Infância em Portugal*. Departamento Educação Básica. Lisboa. DGEB

Pereira, F. et al, (2018). *Para uma Educação Inclusiva: Manual de Apoio à Prática* Ministério da Educação. Lisboa.

Rodrigues, D. (2008). *Questões preliminares sobre o desenvolvimento de políticas de educação inclusiva*. Inclusão: Revista de Educação Especial, 4(1). (pp. 33-4). <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revinclusao5.pdf>.

Rodrigues, D. (2011). *Educação inclusiva: Dos conceitos às práticas de formação*. Instituto Piaget (Ed.2).

Stainback, S. & Stainback, W. (1999). *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artmed

Silva, M.O.E. (2009). *Da Exclusão à Inclusão: Conceções e Práticas*. Revista Lusófona. (pp. 139-151)

Sofia Freire (2008), *Um Olhar sobre a Inclusão*. Revista da Educação. (Vol. XVI Nº1). (pp. 5-20)

Tomlinson, C&Allan, S. (2012). *Liderar Projetos de Diferenciação Pedagógica*. Porto, ASA Editores

Tuckman, B. W. (2002). *Manual de investigação em educação. Como conceber e realizar o processo de investigação em Educação*. (Ed.2). Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa. Gradiva.

UNESCO (1994). *Declaração de Salamanca. Sobre princípios, políticas e prática na área das Necessidades Educativas Especiais*. Salamanca, UNESCO.

Referências Legislativas

Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, que define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo.

Decreto-Lei nº54/2018 de 6 de julho. Diário da República n.º 129/2018, 1.ª Série. Lisboa. Presidência do Conselho de Ministros - Estabelece o regime jurídico da educação inclusiva. (pp.2918-2928)

Decreto-Lei nº55/2018 de 6 de julho. Diário da República n.º 129/2018, 1.ª Série. Lisboa. Presidência do Conselho de Ministros- Estabelece o currículo dos ensinos básico e secundário e os princípios orientadores da avaliação das aprendizagens. (pp.2928-2943)

Decreto-Lei nº 46/86 de 14 de outubro, (Lei de Bases do Sistema Educativo) revogada pela Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto, (Lei de Bases do Sistema Educativo).

Decreto-Lei n.º 240/2001, (Perfil Geral de Desempenho dos Educadores de Infância e Professores do 1º ciclo do Ensino Básico). Diário da República – 1ª Série – A - N.º 201. (pp. 5569- 5572).

Decreto-Lei n.º 241/2001, (Perfil Específico de Desempenho dos Educadores de Infância e Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico). Diário da República – 1.ª Série – A - N.º 201. (pp. 5572-5575).

Decreto-Lei nº 319/91, de 23 de agosto, revogada pelo Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, (Novo regime jurídico do Regime Educativo Especial), Diário da República, 1ª Série - N. 94. (pp. 154-164)

Decreto Regulamentar Regional n. 17/2001/A de 29 de novembro de 2001, (Estatuto dos Estabelecimentos de Educação Pré-Escolar). Diário da República- 1.ª Série- B - N. 277. (pp. 7585-7594).

APÊNDICES

Anexo1

Questionário: Educação Pré-Escolar Inclusiva

A política da educação inclusiva assenta no direito a uma educação para todas e para cada criança, implicando a ideia de encarar o jardim-de-infância como um espaço de qualidade onde as crianças se sentem bem e têm oportunidade de se desenvolverem.

Este questionário é uma autorreflexão, que irá abordar oitos dimensões. Permitirá proporcionar uma imagem do grau de inclusão no contexto escolar e descreverá e estabelecerá prioridades para aspetos a melhorar no âmbito da prática inclusiva.

Deverá responder a oito breves questionários, cada um abrange uma dimensão. Leia com muita atenção, seja imparcial e responda utilizando a legenda abaixo, assinalando conforme a tabela.

5	Muito Bom
4	Bom
3	Suficiente
2	Insuficiente
1	Não se aplica

Dimensão 1: Atmosfera Geral de Acolhimento

Todas as crianças e respetivas famílias sentem-se bem acolhidas.	
O espaço é confortável e estimulante para as crianças e para os profissionais.	
As lideranças promovem uma cultura colaborativa e inclusiva.	
Valoriza-se a diversidade da comunidade local.	
Promove-se nas crianças, o sentido de pertença ao grupo de pares.	
Evita-se que alguma criança se possa sentir excluída.	

Dimensão 2: Ambiente Social Inclusivo

Os adultos criam uma relação interpessoal com as crianças.	
Promovem-se as brincadeiras com todos os pares.	
Todas as crianças estão envolvidas em atividades de grupo.	
As crianças são incentivadas a respeitar as diferenças no grupo de pares.	
Incentiva-se as crianças a desenvolver um comportamento positivo face a outras crianças com medidas de apoio universais, seletivas e adicionais.	
As crianças tentam resolver conflitos que possam surgir no âmbito do grupo, se necessário com a orientação do educador.	

Dimensão 3: Abordagem Centrada na Criança

As propostas de atividades são pensadas com base nos interesses e escolhas das crianças.	
Dá-se resposta às opiniões e questões que cada criança expressa.	
Todas as crianças são envolvidas nas decisões que são importantes para elas.	
As transições entre atividades são facilitadas para todas as crianças. É disponibilizado um apoio personalizado à aprendizagem (recursos humanos e materiais).	
Os educadores têm acesso a apoio adicional e/ou externo sempre que necessário.	

Dimensão 4: Ambiente Físico Adaptado à Criança

As instalações do contexto (interiores e exteriores) são acessíveis para todas as crianças.	
O contexto é seguro e saudável para as crianças.	
Todas as crianças conseguem participar	
O mobiliário e o equipamento são adequados para todas as crianças.	

Dimensão 5: Material para todas as crianças

Os brinquedos e materiais são interessantes, facilmente acessíveis e estimulantes para todas as crianças.	
Os brinquedos e os materiais são desafiantes para a iniciativa, independência, exploração e criatividade das crianças.	
Os materiais são utilizados para promover a comunicação, a linguagem, a literacia, a matemática e as ciências.	
O/A educador (a) utiliza material adaptado para facilitar o brincar e a aprendizagem de todas as crianças.	
Os brinquedos e os materiais refletem a diversidade cultural (o/a educador (a) encoraja as crianças a brincar umas com as outras e a partilharem brinquedos e materiais.	

Dimensão 6: Oportunidade de Comunicação para Todos

O contexto permite que todas as crianças comuniquem e utilizem a linguagem.	
As atividades de aprendizagem centram-se na linguagem e no raciocínio das crianças.	
As crianças conseguem partilhar ideias, emoções e preocupações nas conversas com os pares.	
As crianças com diferentes línguas maternas conseguem expressar-se e ser compreendidas pelos pares e pelo pessoal.	
São utilizadas várias formas de facilitar a comunicação para todas as crianças (por exemplo: imagens, sinais gráficos, linguagem gestual, braille e tecnologias diferentes).	

Dimensão 7: Ambiente de Ensino e Aprendizagem Inclusiva

As crianças participam nas atividades de aprendizagem dinamizadas para todo o grupo	
As expectativas são elevadas para todas as crianças.	
Há um reconhecimento dos esforços e das realizações de todas as crianças.	
É incentivada a utilização da diversidade, potencialidade e recursos de cada criança nas atividades de aprendizagem.	
Há uma observação e monitorização das necessidades de envolvimento, aprendizagens e apoio às crianças.	

Existe a oportunidade de formação contínua na área da educação inclusiva.	
---	--

Dimensão 8: Ambiente Favorável à Família

Os pais são convidados a participar nas atividades do contexto escolar.	
Promove-se uma relação de confiança com as famílias.	
Os pais são envolvidos na tomada de decisões sobre as necessidades de aprendizagem, desenvolvimento e apoio dos seus filhos.	
Os pais estão bem informados sobre as atividades diárias.	
Os pais devem /são envolvidos no planeamento, implementação e monitorização do envolvimento e aprendizagem dos seus filhos.	

Anexo 2

Educação Inclusiva na Educação Pré-Escolar: Indicadores e Estratégias

Na sequência dos questionários que preencheram, apresento-vos os resultados. Seria de interesse que me respondessem a algumas questões. Posteriormente, a partir da análise que irei fazer das vossas respostas/ justificações irei deixar algumas sugestões para que os indicadores com níveis mais baixos de satisfação possam melhorar.

Desde já vos agradeço a atenção disponibilizada.

Dimensão 1	Indicadores	Respostas			
		Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Atmosfera Geral de Acolhimento	a)- Todas as crianças e respetivas famílias sentem-se bem acolhidas.	4 40%	6 60%	0	0
	b)- O espaço é confortável e estimulante para as crianças e para os profissionais.	40%	40%	20%	0
	c)- As lideranças promovem uma cultura colaborativa e inclusiva.	20%	40%	40%	0
	d)- Valoriza-se a diversidade da comunidade local.	20%	80%	0	0
	e)- Promove-se nas crianças, o sentido de pertença ao grupo de pares.	60%	40%	0	0
	f)- Evita-se que alguma criança se possa sentir excluída.	60%	40%	0	0

Na dimensão 1, **20%** responderam **Suficiente** no indicador da alínea b) e **40%** responderam **Suficiente** no indicador da alínea c). No seu ponto de vista o que deveria ser feito para que os níveis de satisfação nestes dois indicadores possam aumentar (b e c) ?

	Indicadores	Respostas			
		Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Dimensão 2 Ambiente Social Inclusivo	a)- Os adultos criam uma relação interpessoal com as crianças.	40%	60%	0	0
	b)- Promovem-se as brincadeiras com todos os pares.	20%	80%	0	0
	c)- Todas as crianças estão envolvidas em atividades de grupo.	100%	0	0	0
	d)- As crianças são incentivadas a respeitar as diferenças no grupo de pares.	60%	40%	0	0
	e)- Incentiva-se as crianças a desenvolver um comportamento positivo face a outras crianças com medidas de apoio universais, seletivas e adicionais.	60%	40%	0	0
	f)- As crianças tentam resolver conflitos que possam surgir no âmbito do grupo, se necessário com a orientação do educador.	60%	40%	0	0

	Indicadores	Respostas			
		Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Dimensão 3 Abordagem Centrada na Criança	a)- As propostas de atividades são pensadas com base nos interesses e escolhas das crianças.	40%	60%	0	0
	b)- Dá-se resposta às opiniões e questões que cada criança expressa.	40%	60%	0	0
	c)- Todas as crianças são envolvidas nas decisões que são importantes para elas.	20%	80%	0	0
	d)- As transições entre atividades são facilitadas para todas as crianças. É disponibilizado um apoio personalizado à aprendizagem (recursos humanos e materiais).	20%	40%	20%	20%
	e)- Os educadores têm acesso a apoio adicional e/ou externo sempre que necessário.	0	60%	20%	20%

Na dimensão 3, **20% Suficiente** e outros **20%** responderam **Insuficiente** no indicador da alínea d) e o mesmo aconteceu no indicador e). No seu ponto de vista o que pode estar na origem destes resultados e o que deveria ser feito para que os níveis de satisfação nestes dois indicadores possam aumentar (d e e)?

Possíveis causas	O que pode ser feito para aumentar o nível de satisfação dos educadores com este(s) indicador(es)?

	Indicadores	Respostas			
		Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Dimensão 4 Ambiente Físico Adaptado à Criança	a)- As instalações do contexto (interiores e exteriores) são acessíveis para todas as crianças.	20%	80%	0	0
	b)- O contexto é seguro e saudável para as crianças.	40%	60%	0	0
	c)- Todas as crianças conseguem participar.	100%	0	0	0
	d)- O mobiliário e o equipamento são adequados para todas as crianças.	40%	60%	0	0

	Indicadores	Respostas			
		Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Dimensão 5 Material para todas as crianças	a)- Os brinquedos e matérias são interessantes, facilmente acessíveis e estimulantes para todas as crianças.	40%	60%	0	0
	b)- Os brinquedos e os materiais são desafiantes para a iniciativa, independência, exploração e criatividade das crianças.	40%	40%	20%	0
	c)- Os materiais são utilizados para promover a comunicação, a linguagem, a literacia, a matemática e as ciências.	40%	60%	0	0
	d)- O/ A educador(a) utiliza material adaptado para facilitar o brincar e a aprendizagem de todas as crianças.	20%	80%	0	0
	e)- Os brinquedos e os materiais refletem a diversidade cultural.	60%	40%	0	0
	f)- O/A educador(a) encoraja as crianças a brincar umas com as outras e a partilharem brinquedos e materiais.	60%	40%	0	0

Na dimensão 5, **20%** responderam **Suficiente** no indicador da alínea b). Porquê? No seu ponto de vista o que deveria ser feito para que os níveis de satisfação nestes dois indicadores possam aumentar (b e c) ?

Dimensão 6 Oportunidade de Comunicação para Todos	Indicadores	Respostas			
		Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
	a)- O contexto permite que todas as crianças comuniquem e utilizem a linguagem	60%	40%	0	0
	b)- As atividades de aprendizagem centram-se na linguagem e no raciocínio das crianças.	20%	80%	0	0
	c)- As crianças conseguem partilhar ideias, emoções e preocupações nas conversas com os pares.	40%	40%	20%	0
	d)- As crianças com diferentes línguas maternas conseguem expressar-se e ser compreendidas pelos pares e pelo pessoal.	20%	80%	0	0
	e)- São utilizadas várias formas de facilitar a comunicação para todas as crianças (por exemplo: imagens, sinais gráficos, linguagem gestual, braille e tecnologias diferentes).	0	80%	20%	0

Na dimensão 6, **20%** responderam **Suficiente** nos indicadores das alínea c) e e). No seu ponto de vista o que deveria ser feito para que os níveis de satisfação nestes dois indicadores possam aumentar (c e e) ?

	Indicadores	Respostas			
		Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Dimensão 7 Ambiente de Ensino e Aprendizagem Inclusiva	a)- As crianças participam nas atividades de aprendizagem dinamizadas para todo o grupo.	20%	80%	0	0
	b)- As expectativas são elevadas para todas as crianças.	0	80%	20%	0
	c)- Há um reconhecimento dos esforços e das realizações de todas as crianças.	20%	80%	0	0
	d)- É incentivada a utilização da diversidade, potencialidade e recursos de cada criança nas atividades de aprendizagem.	20%	80%	0	0
	e)- Há uma observação e monitorização das necessidades de envolvimento, aprendizagens e apoio às crianças.	100%	0	0	0
	f)- Existe a oportunidade de formação contínua na área da educação inclusiva.	0	60%	20%	20%




Na dimensão 7, **20%** responderam **Suficiente** nas alíneas b) e f) e **20% Insuficiente** ao indicador da alínea f), sendo que ninguém respondeu Muito Bom. No seu ponto de vista o que deveria ser feito para que os níveis de satisfação nestes dois indicadores possam aumentar (b e f)?

	Indicadores	Respostas			
		Muito Bom	Bom	Suficiente	Insuficiente
Dimensão 8 Ambiente Favorável à Família	a) - Os pais são convidados a participar nas atividades do contexto escolar.	20%	60%	20%	0
	b) - Promove-se uma relação de confiança com as famílias.	60%	40%	0	0
	c)- Os pais são envolvidos na tomada de decisões sobre as necessidades de aprendizagem, desenvolvimento e apoio dos seus filhos.	20%	80%	0	0
	d)- Os pais estão bem informados sobre as atividades diárias.	20%	40%	40%	0
	e) - Os pais devem /são envolvidos no planeamento, implementação e monitorização do envolvimento e aprendizagem dos seus filhos.	20%	40%	40%	0

Na dimensão 8, **20%** responderam **Suficiente** no indicador da alínea a), **40% Suficiente** no indicador da alínea d) e **40% Suficiente** ao indicador da alínea e). No seu ponto de vista o que deveria ser feito para que os níveis de satisfação nestes dois indicadores possam aumentar (a, d e e) ?

Sugestões de atividades a desenvolver nas várias dimensões

Dimensão	Atividade
1- Atmosfera Geral de Acolhimento	<ul style="list-style-type: none"> • Construir um quadro de boas vindas, no qual as famílias escrevem as suas expetativas. • Dialogar com as crianças sobre a temática da diferença através de histórias (ex.: O som das Cores- https://youtu.be/j4jp8AdwOIo) ou vídeos (ex.: Inclusão Social Infantil Desenho- https://www.youtube.com/watch?v=NyDyOJwD9M0)
2- Ambiente Social Inclusivo	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver atividades inclusivas ligadas à interação- exemplo: “Diálogos de Brincar- O brincar na Diferença (https://youtu.be/UuBtRp_nCvg) • Realçar a importância da diversidade através da música, com a canção por exemplo “Todo o mundo é diferente” (https://youtu.be/kwU8TwArtIA) • Promover o diálogo entre as crianças, incentivando - as a falar umas com as outras dos seus sentimentos.
3- Abordagem Centrada na Criança	<ul style="list-style-type: none"> • Escutar os interesses e expetativas da criança, por exemplo, se uma criança coloca uma questão sobre a diferença entre menina e menino e o grupo demonstra interesse, pode-se aproveitar para trabalhar a temática do corpo humano, utilizando e explorando por exemplo o livro “O Grande livro do Corpo Humano” e/ou “Os nossos corpos são todos diferentes”. • O Decreto Lei nº281/2009 de 6 de outubro tem como objetivo o dar resposta às necessidades identificadas, criando o Sistema Nacional de Prevenção Precoce na Infância (SNIPI), que garante medidas de apoio. Com este suporte legislativo, os educadores têm a capacidade de acionar o pedido de acesso ao apoio adicional necessário (https://webinars.dge.mec.pt/index.php/webinar/praticas-recomendadas-em-intervencao-precoce-na-infancia; https://youtu.be/wlhzbTVSjU).
4- Ambiente Físico Adequado à Criança	<ul style="list-style-type: none"> • O mobiliário e o equipamento devem atender a critérios de qualidade e variedade e devem ser adequados a todas as crianças. • Para trabalhar com as crianças sobre a necessidade de acesso físico pode utilizar-se o livro de Jennifer More (2008) e /ou o vídeo “Diferentes e Especiais... somos todos” (https://www.youtube.com/watch?v=aww32PsnHQI)

<p>5- Material para todas as crianças</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O desenvolvimento de jogos tradicionais, por exemplo: o jogo da macaca, do berlinde, da corrida de sacos. Os jogos educativos são importantes no desenvolvimento da criança com NEE, por exemplo “O jogo das Mimocas” e o “ABC Autismo. • Podem-se recolher materiais e reciclar <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">    </div>
<p>6- Oportunidade de comunicação para todos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Contar histórias que falam da multiculturalidade, por exemplo: “Meninos e Meninas do Mundo de um Extremo ao Outro” de Núria Roca (2003) e/ou “Meninos de Todas as Cores” de Luísa Ducla Soares (2010). • Explorar as nacionalidades das crianças; • Pedir aos pais para partilharem canções infantis do seu país. • Para as crianças que não conseguem utilizar a linguagem como meio de comunicação, poderão utilizar os Sistemas Aumentativos e Alternativos de Comunicação (SAAC), que é um sistema baseado em imagens. Podem utilizar a plataforma ARASAAC (Biblioteca de símbolos e recursos para comunicar com crianças com NEE - AAC Symbols and shared resources - ARASAAC). Podem utilizar materiais adaptados já existentes e que permitem a participação de todos, como a música “A todos um Bom Natal” https://www.pinterest.pt/pin/455145106077126001/ ou a “História dos dez amigos” https://youtu.be/oXSDq-WNzn0.
<p>7- Ambiente de Ensino e Aprendizagem Inclusiva</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Contar a história “Herberto” (https://www.bruea.pt/loja/herberto/) poderá ajudar a demonstrar à criança que ela tem capacidades, melhorar a sua autoestima. • Para quem queira refletir sobre a questão da formação de professores inclusivos recomenda-se a leitura do documento “formação de Professores para a Inclusão - Perfil de Professores Inclusivos, Editado por Amanda Watkins em 2012” (https://www.european-agency.org/sites/default/files/te4i-profile-of-inclusive-teachers_Profile-of-Inclusive-Teachers-PT.pdf)

Após a leitura das sugestões de atividades, gostaria de saber se as atividades a desenvolver são pertinentes? Se ajudariam no vosso dia a dia?

Grata pela atenção disponibilizada!

